

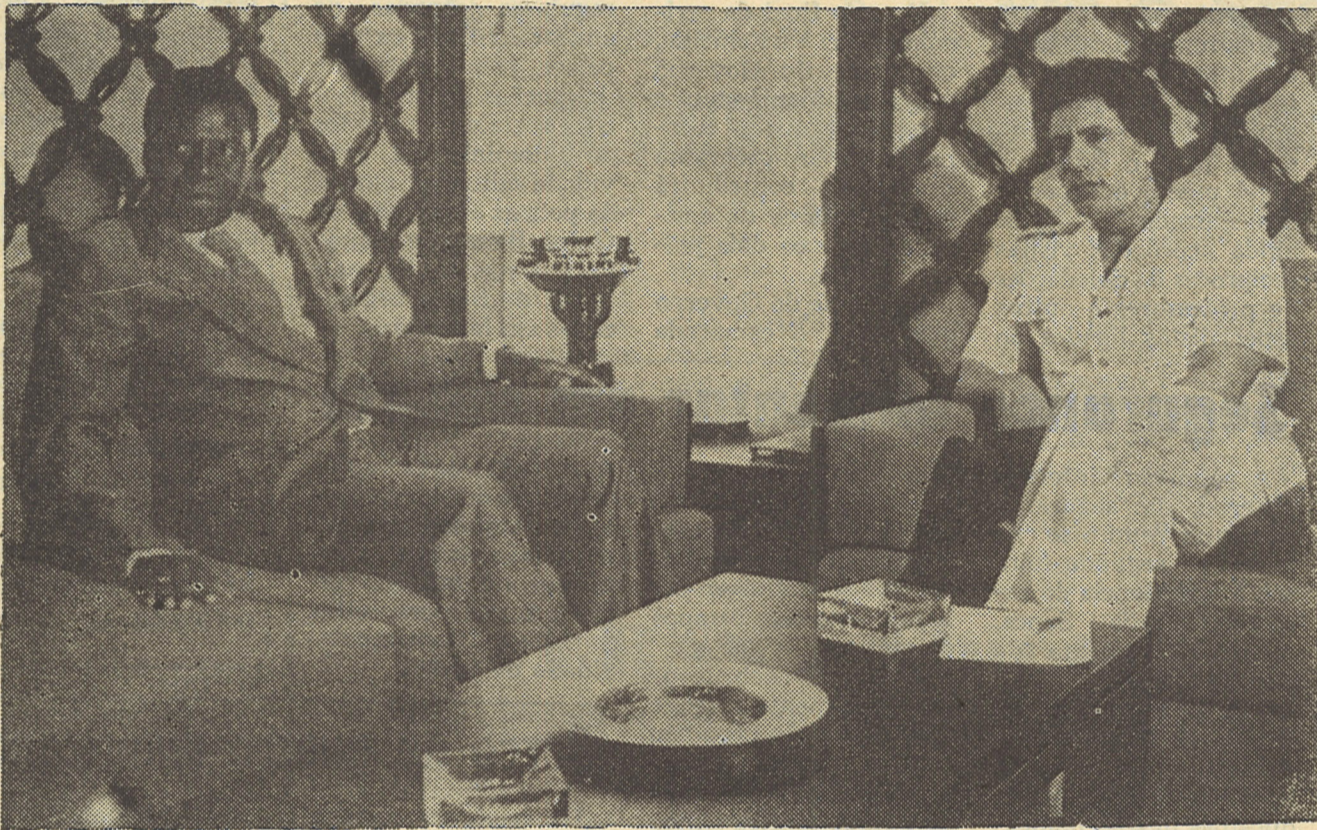
NO PINTCHA



ORGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3712/3726/3728 — BISSAU

CIMEIRA DA OUA FRACASSA DE NOVO



O Presidente avistou-se anteontem com o seu homólogo líbio, Moamar El Kaddafi

A segunda tentativa para reunir a 19.ª cimeira de Chefes de Estado e de Governo da OUA em Tripoli malogrou-se de novo por falta do necessário «quorum» de 34 países, apesar do compromisso proposto para ultrapassar a questão da representatividade do Tchad.

As delegações de 32 países que se deslocaram à capital Líbia tinham chegado a um consenso que consistia em reconhecer como governo legítimo do Tchad o de Hissene Habre, ao mesmo tempo que pedia à delegação para voluntariamente não participar na cimeira.

O Chefe de Estado líbio, Moamar El Kadaffi repetiu na quinta-feira à noite estar disposto a organizar a terceira tentativa de reunião em Tripoli, embora os 32 presentes não tenham conseguido fixar uma data ou um local para a realização da cimeira ora cancelada. Entretanto, as delegações começaram a retirar-se da Líbia (Ver centrais).

ARMANDO RAMOS CONDENADO A 8 ANOS DE PRISÃO

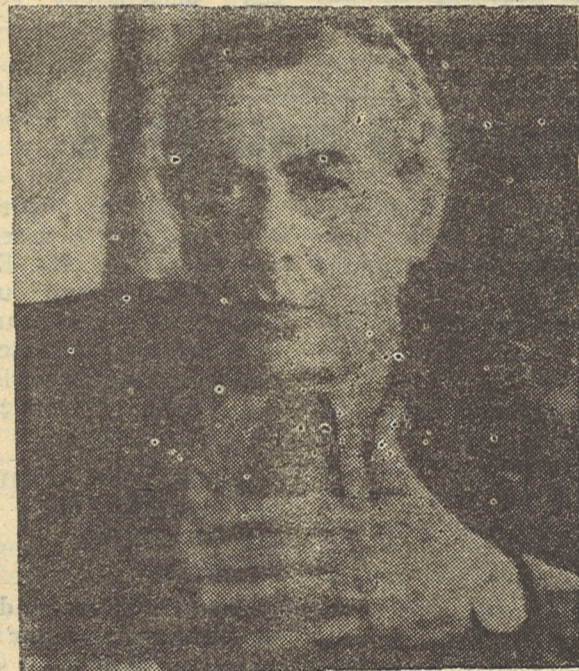
Armando Ramos, ex-comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato e os seus mais directos colaboradores nos Armazéns do Povo foram condenados a penas de prisão maior que variam entre 5 a 8 anos, no final do julgamento que teve lugar na quarta-feira passada, no Tribunal Regional de Bissau.

O réu Armando Ramos foi condenado a pena de prisão maior de 10 anos e por ser Combatente de Liberdade da Pátria, a pena foi reduzida para oito. Francisco Coutinho, ex-director-geral dos Armazéns do Povo foi condenado a pena de prisão maior de oito anos reduzido a seis por ser um réu primário. Adelino Moreira, ex-director-geral adjunto dos Armazéns do Povo, incorreu numa pena de seis anos reduzido para cinco, por ser também um réu primário. Carlos Alves, «Lindolfo», encarregado geral dos armazéns foi condenado a seis anos de prisão. Anselmo Mariano, ex-conselheiro de Armando Ramos foi absolvido pelas instâncias judiciais, por não ter sido provado nada contra ele. (Ver pág. 8)

ELEIÇÕES GERAIS NO BRASIL

● AVANÇO DA OPOSIÇÃO NO RIO E S. PAULO

Na foto, Leonel Brizola, vencedor das eleições no Rio de Janeiro (Notícia na pág. 7)



FALHOU GOLPE DE ESTADO NO GHANA

O novo regime revolucionário do Ghana foi alvo, na terça-feira passada, de uma tentativa de golpe de estado. As tropas fiéis à revolução conseguiram esmagar a intentona.

Após o controle da situação, o Presidente do Conselho Provisório de Defesa Nacional (PNDC), capitão Jerry Rawlings, havia ordenado, num aviso especial difundido pela rádio, que os comandantes das unidades do exército só receberiam ordens emanadas por ele próprio e do comandante do exército de terra, o brigadeiro Arnold Quainoo.

Todas as tropas que se movimentarem sem ordem expressa serão bombardeadas pela aviação «acrescentou rádio Ghana, que convidou igualmente todos os soldados em fuga a apresentarem-se, «no seu próprio interesse» no comissariado de polícia mais próximo.

● A DÍVIDA EXTERNA DE ÁFRICA (ver pág. 8)

Conselho mundial de paz

De 12 a 16 de Novembro de 1982, decorreu em Kabul, capital da República Democrática do Afeganistão, a conferência internacional sobre o seu desenvolvimento sócio-económico e os perigos de guerra, promovido pelo Conselho Mundial da Paz. Convidado para participar, o P.A.I.G.C. fez-se representar pelo camarada Benício da Costa, adjunto do Secretário para a administração e finanças do Comité Central do Partido.

A sessão inaugural foi presidida pelo camarada Babrak Karmal, Presidente da República, Secretário-Geral do Partido Democrático Popular do Afeganistão, e Presidente do Conselho da Revolução da Frente Popular Democrática, estando presentes os membros do Bureau Político P.D.P.A. membros do Governo, Corpo Diplomático, o Presidente do Conselho Mundial da Paz, Romesh Chandra.

A conferência contou com a participação de quarenta e dois países, sete organizações internacionais, e catorze organizações sociais e de massas do Afeganistão.

A nossa delegação interveio na primeira sessão dos trabalhos, sobre os temas a luta por uma cooperação económica, troca comercial mutuamente vantajosa, contribuição importante para o desarmamento e a eliminação da eventualidade de uma guerra.

Feira internacional em Dakar

A fim de representar o nosso país na Feira Internacional de Dakar, partiu para aquela capital o camarada Carlos Correia, membro do B.P. do PAIGC, Ministro do Comércio e Artesanato, acompanhado de alguns funcionários do seu Ministério.

O objectivo principal deste certame é possibilitar aos países participantes darem a conhecer os seus produtos, ao mesmo tempo de viabilizar contactos para a prospecção de novos mercados.

No «stand» da Guiné-Bissau, estarão expostos quatro novos modelos N'HAYE, (ambulância, jeep, carrinha e automóvel), mobílias, artigos de artesanato, parquetes e madeiras de diversos tipos, camarão branco e escuro, filete de atum, cervejas branca e preta, cola, limão e laranja, mobílias de bambu, e vários objectos em plástico e espuma.

A referida exposição teve início no dia 23 do corrente mês, e deverá prolongar-se por um período de dez a quinze dias, sendo porém, vendidos aos interessados os produtos expostos.

Guiné-Bissau e URSS intensificam cooperação

A Guiné-Bissau e a URSS assinaram no passado dia 19, em Moscovo, um protocolo sobre a cooperação cultural e científica para o ano 1982/83.

Este acordo, assinado pelos camaradas Iuri Kiritchenko e Augusto Pereira da Graça, respectivamente, chefe do Departamento dos Negócios Estrangeiros da URSS e embaixador da Guiné-Bissau em Moscovo, insere-se no reforço das relações culturais existentes desde 1975 no domínio da Ciência e Cultura, prevendo este último acordo o envio de 70 jovens guineenses para o estudo a nível médio e superior especializado. Estão ainda acordadas visitas recíprocas de delegações de professores e outros especialistas ligados ao

ensino, o alargamento dos contactos entre a Biblioteca Lenin (a maior da URSS) e a Biblioteca Nacional da Guiné-Bissau e estreitamento dos contactos nos domínios da cinematografia e radiodifusão, estando pois prevista a participação da Guiné-Bissau no 13.º festival internacional de cinema a realizar no verão de 83 em Moscovo, assim como o alargamento dos contactos a nível desportivo.

No acto final da cerimónia, Iuri Kiritchenko, em nome do Governo soviético, manifestou a certeza de que o cumprimento do programa previsto contribuirá para o reforço da amizade entre os dois países e povos.

Em nome do Governo guineense, o camarada

Augusto da Graça apresentou os agradecimentos ao Governo e ao povo soviéticos pela ajuda prestada ao nosso país desde a luta armada contribuindo deste modo para uma aproximação cada vez maior dos nossos povos e governos.

Recorde-se que no âmbito do acordo assinado em 1975 no domínio da ciência e cultura e depois da celebração do mesmo pelos dois governos, tornaram-se regulares jornadas de amizade entre os dois países, com trocas de delegações de organizações sociais e contactos no domínio da actividade editorial, gozando pois as exposições da Guiné-Bissau de grande êxito — nas tradicionais feiras de livros organizadas em Moscovo.

Missão portuguesa em Bissau

Uma missão portuguesa do Ministério das Finanças e Plano, chefiada pelo sr. Victor Pessoa, chegou na sexta-feira passada à nossa capital.

Esta equipa, que integra os srs. João de Oliveira e Fernando Loureiro, vêm ao nosso país em resposta à solicitação feita ao Governo português de participar conjuntamente com as entidades locais na reestruturação e organização do Ministério de Finanças do nosso país. Uma outra delegação estudou recentemente com o gabinete do 1.º Ministro as vias para a reorganização do mesmo.

Estas acções de cooperação ora empreendidas integram-se na linha das preocupações do nosso Governo de reestruturar os seus serviços com o apoio de instituições homólogas portuguesas.

Segurança alimentar em debate

A comissão interministerial da segurança alimentar reuniu-se na passada segunda-feira sob a presidência do camarada Luís Sanca, membro suplente do Comité Central do P.A. I.G.C. e Secretário de Estado do Plano e Cooperação Internacional. A ordem do dia incluía questões ligadas nomeadamente à agricultura do país, situação alimentar nos anos 81/82, a consolidação da segurança alimentar e problemas de ordem estrutural do gabinete de planificação da segurança alimentar.

Uma fonte autorizada do Secretariado de Estado do Plano e Cooperação Internacional indicou que nos finais dos trabalhos as partes constataram que os esforços dispendidos pelo

nosso Governo no domínio de incentivação dos camponeses, produziram louváveis resultados que se traduzem pelo aumento dos campos de cultura.

A reunião debruçou-se igualmente sobre questões que se prendem com as sementes e factores de produção tendo notado muitos êxitos na distribuição desses bens de produção, assim como a regularidade das chuvas que o país registou ao longo da época pluviosa.

Os participantes foram unânimes em considerar indispensáveis a intervenção do gabinete de segurança alimentar junto de estabelecimentos públicos, nomeadamente os Armazéns do Povo, com vista a recolha de dados sobre a estocagem e reco-

nheceram ainda a necessidade do alargamento da comissão interministerial a outros organismos estatais interessados numa perspectiva de melhor complementaridade de acção.

Barco de guerra americano

Um navio da marinha de guerra dos Estados Unidos da América USS Portland LSD-37 chegará ao porto de Bissau na próxima segunda-feira para uma visita, que vai do dia 29 até 1 de Dezembro.

O Portland encontra-se presentemente no treino Oeste-Africano-82 (WATC-82) no qual estão integrados vários outros navios da mesma força que deverão ainda visitar outros países da nossa

costa ocidental.

Recorde-se que Portland deixou Estados Unidos em Fevereiro passado para a participar em vários exercícios militares no Oceano Atlântico e Pacífico. A unidade é constituída por um destacamento de fuzileiros navais e um destacamento de guardas costeiras equipado com uma lanca de 13 metros, normalmente usada para demonstrações das actividades da guarda costeira.

Responde o povo

Como desenvolver o país (1) ?

O tema do responde o povo de hoje incide sobre o desenvolvimento do nosso país. O que pensam os cidadãos sobre esta questão tão importante? Que alternativa propõem?

Saímos à rua e auscultámos a opinião de alguns transeuntes que passamos a transcrever.

SÓ SE FORMA A NÍVEL SUPERIOR

Armando Batista, 22 anos, estudante, morador no Cupelon — «A Guiné-Bissau é um país que lutou duramente contra a ocupação estrangeira, nomeadamente o colonialismo português. É negável que a ocupação estrangeira

não fez nada para desenvolver o país. As infraestruturas são fracas ou não existem. No entanto, sabemos que a formação de quadros no país obedece a directrizes traçadas pelo Partido. Mas para ser realista, acho que essa linha não está a ser cumprida. Porque o que está a acontecer não visa

a formação de quadros técnicos para o desenvolvimento do país. Em vez de se formar um maior número de quadros médios e técnicos para o arranque, verifica-se mais a formação a nível superior».

O PROBLEMA RESIDE NA FORMAÇÃO DE QUADROS TÉCNICOS

João da Silva, condutor, 30 anos, morador no bairro de Belém — «O problema central do desenvolvimento da Guiné-Bissau reside na for-

mação de quadros técnicos profissionais e médios. E deve-se criar escolas politécnicas para tal. Fazendo uma análise, podemos constatar que os estudantes que concluem o ensino secundário não têm nenhuns conhecimentos técnicos. É uma vez concluído o 7.º ano, a maior ambição é tirar um curso superior. Eu, em particular, não os culpo por isso. Porque se fossem criadas várias escolas técnicas, o aluno sairia com uma boa formação, e penso que não

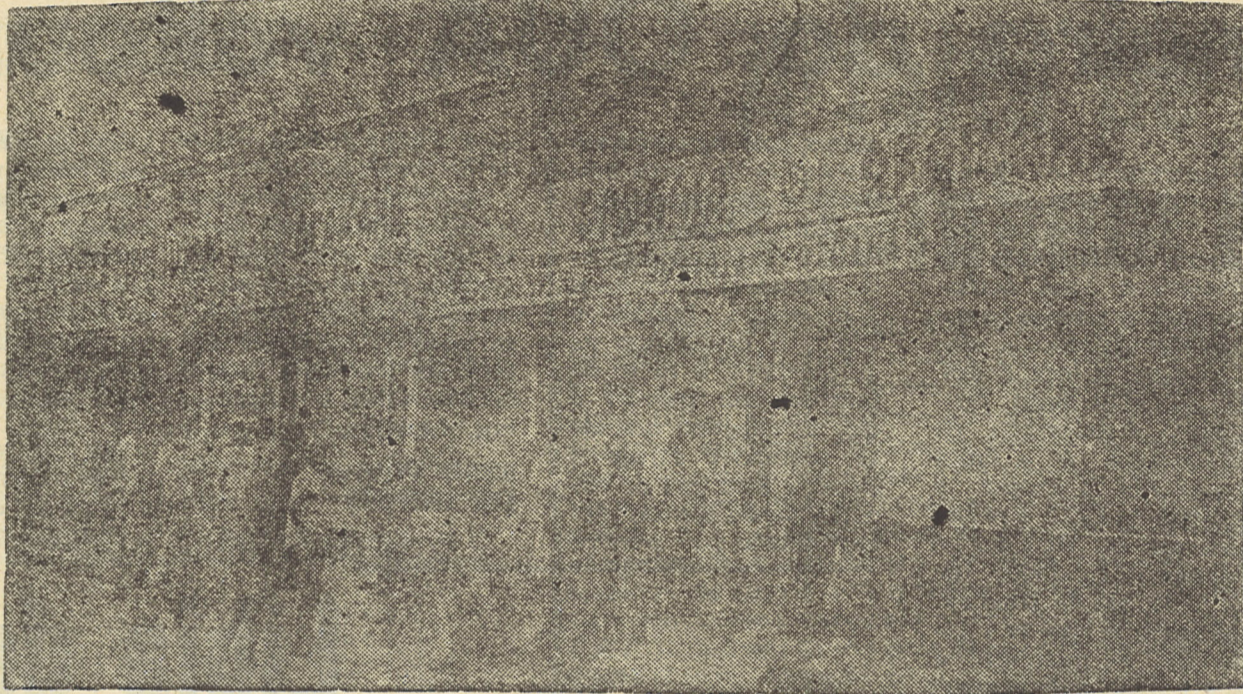
se verificaria a corrida aos cursos superiores».

O DESENVOLVIMENTO DE UM PAÍS DEPENDE DOS DIRIGENTES

André de Barros, 22 anos, estudante, morador no Bairro de Plubá. «Eu acho que o desenvolvimento de um país depende dos seus dirigentes. Porque eles é que têm as rédeas nas mãos. O que mais me admira é a criação da Escola Média de Direito. Para quê a criação desta Es-

cola? Penso que seria melhor a criação de escolas técnicas de agricultura do que essa Escola Média de Direito.

Paralelamente a formação de quadros técnicos de diversos ramos, deve-se criar fábricas para o enquadramento desses técnicos. Eu tenho a convicção de que a Guiné-Bissau pode sair do subdesenvolvimento a que está mergulhado se as coisas forem perfeitamente estruturadas, dando-se maior relevo a agricultura».



Farinha em mau estado prejudica o fabrico do pão

Na sequência das notícias que divulgámos nas nossas últimas edições, sobre as condições de fabrico e distribuição de pão na nossa capital, fomos convidados pela direcção da padaria Africana a constatar «in-loco» as condições de trabalho nessa indústria de panificação.

Durante a nossa visita às instalações e

alertados pelo industrial Mateus Sanhá verificámos que a farinha não se encontra em boas condições. É visível a quantidade de bicharocos que ela contém, o que torna o processo de fabricação mais moroso além de afectar a qualidade do pão.

Interrogado sobre a data em que adquiriu essa farinha, Ma-

teus Sanhá informou-nos de que ela foi comprada no dia 18 do corrente mês e que já vinha com toda a bicharada. Sobre as condições de armazenamento, verificámos que os armazéns da padaria oferece as condições mínimas necessárias.

Entretanto, o camarada Mateus Sanhá aproveitando a pre-

sença do Jornal, lançou um apelo aos seus clientes devido a redução no fornecimento do pão, que se vem registando ultimamente, o que segundo ele não é negligência do pessoal da padaria, mas sim, pela qualidade diferente da farinha fornecida pelas duas empresas comerciais do país, Socomin e Armazéns do Povo.

A CICER paraliza a produção da cerveja

A Cicer foi mais uma vez obrigada a paralisar a produção de cerveja, pelo que o abastecimento do mercado nacional tem sido afectado nos últimos dias.

Desta vez, a paralização é devida à falta de «KIESELGHUR», um produto químico utilizado para filtrar a cerveja. Esse produto só deve chegar no fim do corrente mês, altura em que um navio português saído de Lisboa escalará o nosso país.

Depois da chegada desse produto, a Cicer pensa normalizar o abastecimento do mercado nacional.

Espectáculos no salão de Congressos

O artista Bubacar Tchunchumba, vocalista do agrupamento musical «Tchifre-Preto», actuará nos dias 5, 7 e 9 do próximo mês de Dezembro, no salão de Congressos, onde apresentará ao público da capital, um novo repertório musical.

Segundo uma carta enviada à nossa redacção pelo próprio Bubacar a actuação será abrilhantada por um trio, formado pelo cantor-compositor Bubacar Tchunchumba, e pelas estreadas Vera Cabral e Maria João.

Os bilhetes encontram-se à venda a preço de 100,00 PG, nos seguintes locais: Grande Hotel, Hotel 24 de Setembro e no próprio local do espectáculo.

Criminalidade

A «operação de limpeza» da nossa capital de actos de banditismo e furtos, levada a cabo pelos agentes da Segurança e Ordem Pública e Investigação Criminal, continua intensa.

Desta vez foram detidos numa operação de «limpa casa», Adulai Baldé de 22 anos de idade de profissão ajudante mecânico da Socomin, e Silvestre António Gomes de Correia de 18 anos de idade, morador no Bairro de Bandim-2. Ambos detidos por crimes de abuso de confiança, tendo roubado das casas onde trabalham objectos de uso doméstico além de vestuários.

Entretanto, encontra-se detida igualmente no COP-1, Glória Soares, de 37 anos de idade, moradora no Bairro de Mindará, que aproveitando a carência do tabaco no mercado nacional, misturava farelo de arroz com tabaco pilado (rapé), que vendia aos consumidores inadvertidos.

Condições de anúncios na RDN

A RDN tem vindo a divulgar nestes últimos dias um comunicado sobre normas que regulamentam, a divulgação de anúncios nesse órgão, que passamos a transcrever:

— Considerando que se tem vindo a verificar irregularidade no envio de anúncios à estação emissora para efeitos de divulgação; considerando ainda que algumas entidades públicas e particulares não se preocupam em dirigir os anúncios à secretaria do Ministério da Informação e Cultura, para os devidos e legais pagamentos. Tendo em devida conta que tais procedimentos, implicam imensos prejuízos à RDN, a direcção da Radiodifusão Nacional decide que de agora em diante, todos os comunicados destinados a publicidade sejam antecipadamente legalizados no Ministério de Informação e Cultura. A mesma direcção avisa ainda que esta decisão exclui casos excepcionalmente admissíveis de carácter superior e também os que se relacionam com assuntos de natureza noticiosa.

Pedidos de

correspondência

Januário Manuel Ié, jovem gineense de 16 anos de idade, deseja corresponder em português com jovens de Portugal, Suécia, América, Brasil e URSS, para troca de amizade e experiências. Escrever ao cuidado de João Manuel Ié, Caix. Post. n.º 98, UNTG — Bissau.

Meteorologia

Boletim meteorológico fornecido pelo observatório de Bissau, das zero às 18 horas de ontem.

Temperatura máxima do ar 30 graus

Temperatura máxima média para o mês 32 graus

Temperatura mínima do ar 22 graus

Temperatura mínima média para o mês 22 graus

Humidade máxima 98%. Humidade mínima 49%

Vento predominante de N com velocidade média de 11 Km/h

Vento máximo de N com velocidade de 15 Km/h

Precipitação das zero às 18 horas zero/mm

Cinema

A UDIB apresenta aos seus estimados clientes como MATINE e SOIRÉE o filme ACQUASANTA JOE, para maiores de 13 anos.

Farmácias

HOJE — Farmedi n.º 2 — Bairro de Belém, telefone 213736
 AMANHÃ — Farmácia Higiene — Rua António M'Bana, telefone 212520
 SEGUNDA-FEIRA — Farmedi n.º 1 — Rua Guerra Mendes, telefone 212460
 TERÇA-FEIRA — Farmácia Moderna — Rua 12 de Setembro, telefone 212702

Telefones úteis

Zombeiros — (serviço de emergência) — 118
 Polícia-COP 1 — 213957
 Polícia-COP 2 — 213175
 Polícia-COP 3 — 213749
 Banco de Socorros — 212866
 Banco de Pediatria — 212252
 Maternidade — 212869
 Serviço de ambulância — (Simão Mendes — 117
 Hospital 3 de Agosto — 212915/17/18
 Serviços de electricidade e água — 212411
 Brigada de assistência à rede eléctrica — 212414
 Avaria reclamações e montagem de telefones — 112
 Pedidos de informações e marcações telefónicas — 114
 Informações turísticas — 213282
 Secção postal dos correios — 212771.

A 19.ª Cimeira da OUA voltou a

A 19.ª cimeira de Chefes de Estado e de Governo da Organização da Unidade Africana (OUA) que deveria reunir-se na capital líbia de 23 a 26 do corrente malogrou na quinta-feira à noite, apesar do compromisso proposto para ultrapassar a polémica a volta da representatividade do Tchad na conferência.

Na noite do mesmo dia o porta-voz oficial da organização, Peter Onu, distribuiu um comunicado a confirmar não ser possível a realização da cimeira, por falta do necessário «quorum» de 34 países.

Peter Onu informou que o actual Presidente, o queniano Daniel Arap Moi continua no cargo até a próxima reunião, bem como o Secretário-Geral e os seus adjuntos.

Além disso comunicou que o grupo de contacto (formado por 11 países e presidido pelo Quénia) foi encarregado de preparar a décima nona cimeira, pela terceira vez, para o que es-

tabelecerá acordo com todos os 51 países membros da Organização.

Trinta e duas delegações que se deslocaram para participar nesta reunião magna da organização continental tiveram antontem em Trípoli um encontro informal tendo no final adoptado uma solução de compromisso a respeito do Tchad. A delegação de N'Djamena, conduzida por Hissene Habré que foi convidada oficialmente pelo Secretariado da OUA deveria representar Tchad e ocupar o lugar deste país na sala de conferência, mas com a condição de se retirar em seguida voluntariamente.

te. Entretanto, o Tchad rejeitou o compromisso de Trípoli e o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Idris Miskine apelou a todos os estadistas africanos a «defender a legalidade». Na opinião deste dirigente, a delegação de N'Djamena é a única habilitada a ocupar a cadeira na OUA e recorreu que o Tchad é membro fundador da Organização da Unidade Africana e não tem interesse de mendigar a sua adesão a esta organização. Reiterou também a determinação do seu país, para o qual o compromisso de «última hora» não resolve o problema.

As delegações do Zaire, da Guiné-Equatorial e dos Camarões que se deslocaram a Trípoli não chegaram a pronunciar sobre este compro-

misso, pois aguardavam instruções dos seus respectivos governos. Entretanto, o porta-voz da OUA informou que quatro países, Moçambique, Madagascar, Etiópia e Líbia, se desligaram na quinta-feira à noite do compromisso geral a que se chegara, quando se pretendeu salvar a cimeira, sem que no entanto tenha havido receptividade por parte

das autoridades de N'Djamena.

Os 32 países não conseguiram fixar uma data nem um local para a cimeira cancelada pela segunda vez (já não fora possível realizá-la à primeira tentativa, também na Líbia, em Agosto passado).

**NINO VIEIRA
EM TRÍPOLI**

O Presidente do Con-

selho da Revolução, Nino Vieira, avistou-se antontem com o seu historiador mólogo líbio, coronel Moamar El Kaddafi. Durante o encontro abordaram questões de interesse bilateral e o ordem conjuntural ligadas a nossa organização.

No âmbito dos contactos informais que envolvem os estadistas presentes em Trípoli

Líbia de A

Ecos de Trípoli

— Também há guineenses na Líbia. Além de dois estudantes, há um comerciante de etnia fula que vive há 15 anos em Bengazi, segunda cidade Líbia.

— O consumo de bebidas alcoólicas é proibido na Líbia, tanto para nacionais como para estrangeiros. Alguém que violou esta lei deixou cair (sem querer é claro) uma garrafinha do líquido proibido em pleno hall de entrada do palácio de conferência.

— Líbia na boca do mundo: além da reunião da OUA em Trípoli, decorre em Bengazi uma conferência dos ministros árabes da Habitação e no próximo mês haverá um encontro dos ministros africanos das construções.

— Há centenas de jornalistas na capital Líbia: no Hotel Shati (Praia) estão alojados 70. Os restantes estão num barco espanhol, um autêntico hotel flutuante, com piscina, salas de jogos, cinema e «freeshop». O único inconveniente são os quartos muito pequenos.

— O local onde funciona o centro de imprensa foi construído em cima de antigos courts de ténis, à beira mar. Tem tudo que é preciso para transmi-

tir notícias rapidamente para todo o mundo, além de chávenas de chá de hora a hora. Mas também apresenta um problema. É que para ir dali para o palácio de conferência é preciso atravessar uma auto-estrada onde o movimento de carros é constante.

— A bebida mais consumida nas refeições é o «Jamaica» uma mistura muito saborosa mas bastante doce de vários refrigerantes.

— Árabe e português têm muitas palavras comuns. Sala é Salada e batata é batata. Quanto à laranja pronuncia-se em árabe português.

— Sorte para o jornalista do «Nô Pintcha». No hotel onde se encontra alojado há funcionários dos Negócios Estrangeiros líbios que trabalharam alguns anos em Bissau e falam o crioulo. Não tem problemas de comunicações nem de transportes.

— Quarta e quinta-feiras choveu e ventou violentamente em Trípoli, tudo isso acompanhado de um frio de «rachar». Comentário de um colega jornalista: apetece até tomar um copito quente.

— A secretária do nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros perdeu a sua mala duas vezes, mas acabou sempre por encontrá-la.

A: Alcorão. É a lei suprema. A Constituição do país.

B: Buduínos. Tribo de tradição nómada. Dedicam-se essencialmente à pastorícia e criação de carneiros e camelos. Constituem cerca de dez por cento da população.

C: Colonização. O território da Líbia foi sucessivamente ocupado por turcos, italianos e ingleses. Tornou-se independente em 1951 por decisão da ONU.

D: Dinar é a moeda líbia e subdividi-se em Dirhams. Um dinar é igual a cem dirhams.

E: Emigrantes. Há quase um milhão vindos de vários continentes, em particular da África e da Ásia. Desempenham sobretudo os trabalhos mais modestos nos grandes centros urbanos.

F: Fezzan. Província do centro do país, em cuja capital (Sebha) o coronel Kaddafi liderou, ainda jovem, uma manifestação estudantil antigovernamental em 5 de Outubro de 1961, de protesto contra a separação da Síria e do Egipto.

G: Ghadames. A mais antiga cidade da Líbia. Fica situada em pleno deserto, na fronteira entre a Argélia e a Tunísia.

H: Habitação. Um sector onde a Revolução líbia obteve grandes êxitos. Os líbios não pagam

renda de casa, só o consumo da luz e água. Os créditos para construções privadas são fáceis de conseguir e pagam-se a prestações sem juros.

I: Idris. Último rei da Líbia. Durante o seu regime conduziu uma política antipopular e enfeudamento aos interesses estrangeiros, nomeadamente ocidentais.

J: Jamahyria: significa em árabe massas populares e sintetiza o sistema de Governo da Líbia de hoje.

K: Kaddafi. Primeira personalidade da Nação. Oficialmente é o Secretário-Geral do Secretariado Público (a Direcção) do Congresso Geral do Povo, que por sua vez é a estrutura suprema do Poder na Líbia. De cerca de 40 anos de idade, casado, pai de cinco filhos, Kaddafi natural de Sirthe, localidade situada na Costa mediterrânica.

L: Livro Verde. A bibliologia ideológica dos líbios, que contém o essencial da doutrina política kaddafiana.

M: Mediterrâneo. «mar Nostrum» ban-

Mulher - Saúde - Desenvolvimento: Anemia é o problema de Saúde mais impo

Com a menarca (1.ª menstruação) o marco de menstruação feminina está traçada e acompanha-se de desenvolvimento sexual. A idade de menstruação depende não só dos factores genéticos, mas também do grau de crescimento e desenvolvimento durante a infância, como a estatura, o peso, enfim, o grau nutricional.

Ligada ao ciclo menstrual, o conjunto de tabus que reflectem e afectam a condição da mulher. Acredita-se no nosso país que a mulher é impura durante o período menstrual e isso

impede-lhe de assumir o papel inteiro que poderia desempenhar na sociedade. Existem também mudanças de humor na altura do período menstrual.

Apesar de os tabus impostos pela sociedade guineense, a quando do período menstrual as nossas mulheres preferem continuar ser menstruadas a praticar a contracepção.

Fisiologicamente, a menstruação aumenta o nível da necessidade dos elementos nutritivos indispensáveis a formação do sangue. A mulher necessita de uma inges-

tão em ferro superior a do homem por causa das «régras». Esta necessidade em ferro aumenta nas mulheres que usam o dispositivo entre uterino (Diu), o qual tende a aumentar a hemorragia menstrual média.

A anemia é então um dos problemas de saúde mais importante na mulher. Por se acompanhar de infecções, parasitismo e pelo facto ainda de as mulheres grávidas possuírem anemia, a anemia na mulher é um problema de saúde pública. Tal anemia diminui a resistência à fadiga, reduz a capacidade

de trabalho e torna-se particularmente nociva durante a gravidez, parto e lactação.

ADOLESCÊNCIA

Trata-se de um período de crescimento rápido, em que as necessidades nutricionais de cuidados de saúde são particularmente importantes, mas em que a mortalidade é fraca em comparação com a dos lactentes e crianças de tenra idade.

Todos os problemas da adolescência devem ser tidos como precedendo sempre uma consequên-

cia para a idade adulta, tanto do ponto de vista das atitudes sociais, comportamentos, estado físico e morbilidade. Por outro lado, as adolescências constituem um grupo de risco sob o aspecto reprodutivo.

Os riscos fisiológicos graves que constituem a gravidez, o aborto e a contracepção na adolescência, não fazem excepção na República da Guiné-Bissau! Embora sem dados estatísticos, temos a sensação que as adolescências guineenses solteiras recorrem sempre que o entendem ao aborto, estando por isso, naturalmente, sujeitas as

complicações gravídicas posteriores: fraco peso ao nascer e complicações obstétricas em particular. Tendo em conta também as características psicológicas e sociais particulares da sexualidade nas adolescências e as diversas situações impostas pela sociedade, as adolescentes têm menos acesso aos serviços de saúde e espaçamento de nascimento e nem sempre os trabalhadores da saúde, estão dispostos a ajudar as raparigas a resolver-lhes os seus problemas. As gravidezes, os abortos e a utilização de métodos contraceptivos

bambaram

SUPLEMENTO
CULTURAL

● N.º 12

● 27/11/82

Nô Pintcha

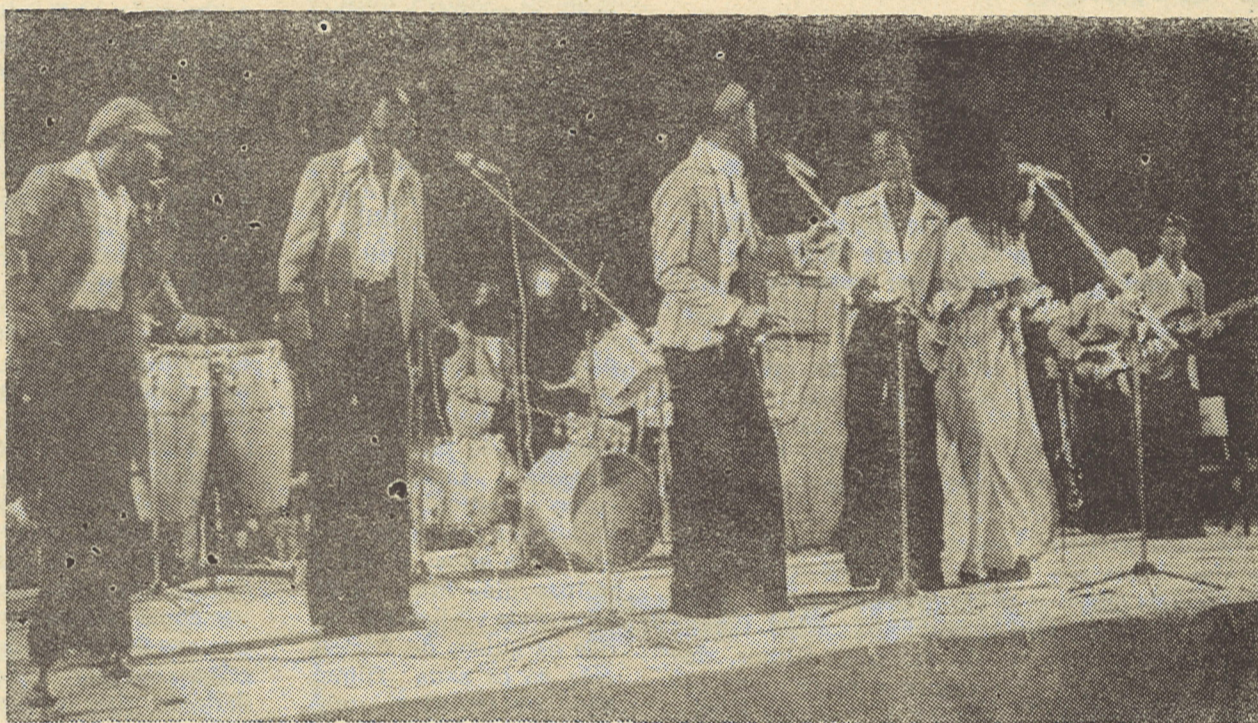
Festival de música moderna em Dakar

Guiné-Bissau presente

Um Festival de Música Moderna Africana começa hoje em Dakar, Senegal, prolongando-se até ao próximo dia 5 de Dezembro.

Organizada pela Zona de Desenvolvimento Desportivo n.º II, este festival permitirá o encontro de orquestras da Guiné-Bissau, Cabo Verde, Guiné-Conakry, Senegal, Gâmbia, Mali e Serra Leoa, estando ainda previsto um simpósio em que cada país relatará a sua experiência no campo musical moderno.

Da Guiné-Bissau seguiram hoje para aquele país, o conjunto «N'Kassa Kobra» e um responsável da Direcção Geral de Cultura do M.I.C., Fernando Jorge Castro Fernandes, que chefiará a delegação.



A
população
da África
é
a que
aumenta
mais
depressa

(centrais)



Sembéne: "O artista
deve assumir
a responsabilidade
de se pôr
sempre em causa" (centrais)



● impulso necessário

As actuações do Grupo de Canto e Dança da Juventude de Beijing (China), do palhaço francês «Amédée Bricolo», a despedida de Zé Manel, a noite de Gumbé do N'Kassa Kobra, constituiram uma movimentada temporada artística que abanou Bissau e algumas localidades do interior do país.

Talvez este fim de ano propicie o impulso necessário para regular a caminhada da vida cultural do País. Se bem se recordam, o «bambaram» noticiava, tempos atrás, uma Semana cultural para Janeiro próximo, em memória a Amílcar Cabral e aos Heróis nacionais.

A JAAC também lançou um concurso de música tradicional em saudação à sua conferência nacional, a realizar no próximo ano. Esperamos que haja uma participação massiva de outras regiões, que os músicos, compositores e cantores, não sejam só os de Bissau.

O incentivo destas manifestações — musicais, poéticas, literárias, teatrais, etc. — caberá, à priori, à Direcção Geral da Cultura, mas pensamos que, também, e de forma bastante aprofundada, a tarefa cabe às Organizações de massas. A Juventude, para além deste concurso musical, porque não promove um encontro de artistas de cena? Na zona de Caciña, como em quase todos os pontos do País, há grupos ou indivíduos francamente talentosos na arte da mímica, do malabarismo, da dança, etc.. A unidade nacional também passa pela congregação destas camadas da sociedade.

E o nível da nossa vida cultural, para além das implicações sociais dentro da nossa terra, terá os seus reflexos no exterior.

Hoje, começa em Dakar um Festival de Música Moderna patrocinada pela Zona II de Desenvolvimento Desportivo do Conselho Su-

perior dos Desportos em África. Para aquela capital seguiu hoje uma embaixada cultural compreendendo um responsável da Direcção Geral da Cultura, Fernando Jorge Castro Fernandes, e o conjunto N'Kassa Kobra.

Duko Castro Fernandes deverá fazer uma exposição sobre a evolução da música moderna no nosso País.

Podemos informar ainda que estão programadas pela Zona II, para 1983, uma «Operação descoberta dos países da Zona II» — o primeiro país a ser visitado será a Gâmbia, — e um encontro de «ballets» na República P.R. da Guiné.

Estes intercâmbios permitirão corroborar os esforços já realizados no campo desportivo e terão um papel importante na complementaridade da vontade política dos nossos dirigentes por uma unidade africana.



“O artista deve assumir de se pôr sempre

- diz Sembène Ousmane

Sembène Ousmane, cineasta, escritor, poeta senegalês, foi o primeiro laureado pela Fundação Leopold Sedar Senghor, para poder terminar os cenários do filme sobre o Alamy Samory Touré, conforme noticiámos no n.º 11 do «bambaram».

A entrevista que se segue foi publicada no jornal português «o Diário», de 31 de Outubro passado, que achamos por bem reproduzir.

P — Sembène Ousmane, verificou-se, na sua opinião, uma evolução perceptível da vida cultural no continente negro desde a independência dos Estados africanos e se sim, quais são os seus principais aspectos e as manifestações mais marcantes?

Sembène Ousmane: Na altura da independência, não existia uma cultura africana, mas todo um mosaico de culturas. Assistimos actualmente ao nascimento ou à fusão dessas culturas. O domínio em que a evolução é mais nítida é sem dúvida a música. Esta forma de expressão permite com efeito as trocas entre as etnias através de contribuições desta ou daquela língua ou linguagem. Mas é uma evolução a analisar do interior tendo em conta contradições que existiram antes ou durante a independência. Em África, estamos em vias de passar de uma cultura que é a expressão das etnias, para uma maneira de ser que é a «etiqueta» de uma civilização. No domínio da literatura, reencontramos hoje as mesmas hesitações entre a literatura de expressão europeia — francesa, inglesa, portuguesa ou espanhola — e a de expressão nacional. Também aqui a música desempenhou um papel, nomeadamente na poesia, porque os jovens músicos utilizam mais as línguas maternas, mesmo outras diferentes da sua.

P — Como sabe, na conferência do México abordar-se-ão as relações entre a cultura e a sociedade. Enquanto cineasta, desempenhou um papel capital na eclosão do cinema africano. Qual é a contribuição deste cinema para a afirmação da identidade cultural e em que favorece ele as relações interculturais?

S.O. — Em primeiro lugar diria que o cinema parece ter sido criado por nós, nesta fase precisa da nossa evolução. É com efeito a forma de expressão mais completa. Passamos actualmente do oral ao visual, e do visual ao sonoro. Quando fazemos filmes, devemos começar por estudar a cultura étnica do grupo em questão, os seus símbolos, as suas metáforas. Mas os temas são universais. A passagem do oral ao visual permite às pessoas verem-se — o que não podem fazer na literatura; pela primeira vez, o cinema devolve-lhes a sua própria imagem. Os contos e as lendas da saga africana mostravam sempre animais. Mas num filme, são os homens que se confrontam com o seu destino. Daí, o interesse e a força do cinema, que é ainda reforçado pela importância do seu universo sonoro. O homem pode agora ver a sua paisagem, exterior e interior. Damos também uma visão diferente das coisas; a árvore, por exemplo, será vista na sua totalidade biológica e já não como um elemento sagrado. Por outro lado, o cinema permite-nos não só ouvirmos mas conhecer a outra cultura, ver que não estamos sós.

Desde a sua independência, são países como Moçambique ou Angola que mais têm contribuído para a expressão cinematográfica porque se dirigiram às massas e não a uma elite europeizada.

O cinema permite também que as pessoas compreendam que a sua língua tem um valor e que veicula a sua cultura. Os cineastas são obrigados a ser bilingues ou trilingues a fim de poderem atingir um vasto público. Daí, a necessidade de aprender

uma nova escrita cinematográfica que utilizaria a gestual e o simbolismo africanos.

Estamos num período de procura que nos permitirá provar que o cinema é a forma de expressão mais útil à África no momento em que ela passa de uma tradição oral para a audiovisual. Os governos africanos, em geral, fizeram um grande esforço para promover o nascimento de um cinema africano. Manifestações como o festival de Ouagadougou reúne de dois em dois anos durante quinze dias mais de 50 cineastas vindos de todos os países de África. Não só os seus filmes são projectados, mas podem discutir entre si

que este diálogo exista em primeiro lugar no nosso país, no interior dos Estados africanos, para que se torne possível algures.

P — Pensa que se pode conciliar ou garantir a unidade nacional ao mesmo tempo que se dá campo livre ao pluralismo das culturas?

S.O. — Isso seria ideal. Mas na medida em que nós, cineastas, nos exprimimos através da nossa cultura individual, diria que essa não é uma preocupação imediata. Hoje, devemos salvaguardar os valores dos nossos vizinhos ou ver como eles se juntam uns aos outros. Podemos criar uma nova identidade em que cada etnia poderá re-contrar-se

P — De que maneira, na sua opinião, poderá cada cultura ir livremente buscar às outras e integrar ao mesmo tempo na sua própria sensibilidade tudo o que pode contribuir para a enriquecer?

S.O. — Tudo depende do artista que aborda o tema. Se há desconhecimento ou desprezo pelo outro, arrisca-se a utilizar os seus preconceitos. Recusamos, no centro da nossa associação ou da nossa federação, qualquer filme que possa criar um conflito entre as etnias.

P — Gostaria de abordar consigo um outro problema, o da dimensão cultural do desenvolvimento. Como se exerce a tomada em conta desta dimensão

tados falsificaram a cultura confundindo-a com o folclore. Do mesmo modo, assimila-se demasiadas vezes a cultura aos diplomas; pode ser-se um grande universitário e completamente «analfabeto em cultura», o que se passa frequentemente nos nossos países.

Quantos Estados conhece que tenham museus etnográficos, ou seja, que apresentem todas as culturas que ocupam um mesmo espaço geográfico? Ora isso é muito simples de realizar; pode ser uma cabana, um hangar, onde esta ou aquela etnia venha ver o que fazem as outras, como tecem, que trajecto efectua o algodão do campo até à fábrica. Temos ministé-

Quem é Sembène Ousmane

Sembène Ousmane nasceu em 1923, em Ziguinchor, Casamance, fértil região no Sul do país. Filho de um pescador lebu, que usufruía da «nacionalidade» francesa por ser oriundo de um dos «velhos municípios» que tinham esse privilégio, pôde, por tal motivo, frequentar a escola, de onde foi expulso aos 14 anos devido a um incidente com o director colonialista. Nenhuma outra escola voltou a admiti-lo, e Sembène Ousmane teve de desempenhar diversos ofícios — pescador, pedreiro, mecânico. Entretanto, não descurou a sua formação cultural num esforço de autodidacta. Na Segunda Guerra Mundial foi incorporado no exército francês e participou na campanha da Itália e da Alemanha. No fim desta hecatombe regressou ao seu país, mas não tar-

dou a ter de emigrar para França.

As docas de Marselha passaram a ser o seu novo mundo. Durante dez anos sofreu no corpo a vida dura de um estivador e de um imigrante sujeito a todos os atropelos e a todas as discriminações. Tomou parte nos movimentos reivindicativos operários e foi dirigente sindical. Devido a um acidente teve de abandonar o trabalho por vários meses, nos quais escreveu o seu primeiro livro, o romance *Le docker noir* (Ed. Debresse, Paris, 1956). Neste romance conta a história de um estivador negro que escreve um livro e que mata a pessoa a quem confiara esse livro e que o publicara com o nome dela. É um romance interessante e promissor em que se cruzam alguns temas, entre os quais, naturalmente, o da despossessão da cultura africana, e se

revelam com vigor as condições de trabalho e de vida do porto e das ruas pobres de Marselha, onde se albergam os negros.

No ano seguinte publicou *O Pays, mon beau peuple* (Ed. Amiot-Dumont, Paris, 1957), romance mais bem elaborado, de um regresso ao país. É a história de Oumar Faye, que volta de França casado com uma branca e que, rompendo com a tradição de uma família de pescadores, se torna agricultor. As suas ideias chocam-se com a sociedade tradicional e os interesses coloniais, mas, embora seja morto antes da formação da cooperativa que propusera, o seu exemplo permanecerá.

Depois, aparece *Les bouts de bois de Dieu* (Os Pedacos de Madeira de Deus), em 1960, que é um romance amplo e vigoroso sobre a nascente

classe operária da África Ocidental.

Segue-se-lhe *Vol-taire* (Ed. Présence Africaine, Paris, 1964), colectânea de doze histórias e um poema, algumas das quais, como *Lettres de France, La noire de...*, *Ses trois jours*, são deveras notáveis; *L'Harmattan*, vol. I: *Le Référendum* (Ed. Présence Africaine, 1964); *Vehi Ciosane ou blanche gènesé*, suívi de *Le Mandat* (Ed. Présence Africaine, 1965) e *Xala* (Ed. Présence Africaine, 1973), que fizeram dele um dos melhores prosadores africanos de língua francesa.

Mas Sembène Ousmane necessitava também de um meio de comunicação, mais directo e mais eficaz, com as massas africanas, na sua maior parte analfabetas e desconhecedoras da língua francesa, com a maioria camponesa e com a crescente classe operária que

e com o público. A crítica, é o público. Porque procura uma nova linguagem, uma expressão mais autêntica e conforme a nossa compreensão do momento, o cinema torna-se uma necessidade absoluta. Fala-se muito de diálogo das culturas e de trocas. Mas é preciso

ao mesmo tempo que permanece ela própria. Mas isso é particularmente difícil no cinema. Como, por exemplo, juntar um camponês do Zimbabwé e um camponês senegalês? Tentamos preservar a diferença e evitar ao mesmo tempo que ela se torne uma fonte de conflito.

nos projectos dos governos?

S.O. — Responderei a título pessoal que é possível hoje ligar o desenvolvimento cultural ao desenvolvimento económico, ainda que muitos países africanos não possuam política cultural. Dá-se mais importância ao prestígio e alguns Es-

rios que não passam de caixas de ressonância do folclore.

P — A imagem é muito bela. Mas pensa que o cinema africano pode contribuir em alguma coisa para a mobilização das populações no âmbito do desenvolvimento económico; social e cultural?

a responsabilidade em causa

S.O. — Sim, se um Estado utilizar a cultura para mobilizar todo o seu povo, mas zelando para que os seus slogans políticos não sejam culturalmente ociosos. Constata-se uma dupla tendência. Em primeiro lugar, os indivíduos procuram cada vez mais na sua cultura para afirmarem a sua identidade. Em seguida, esta importância crescente concedida à cultura está ligada à uniformização dos modos de vida que se observam no mundo inteiro e que ameaça bloquear os valores, os modos de pensar e as sensibilidades assim como o espaço social individual e familiar. Impõem-nos uma concepção de vida que não é a nossa e percebemos de

já não é o apanágio nem a propriedade da etnia que o fecundou; tornou-se uma música universal. Em África, é mais grave. Os Africanos arriscam-se a ser desenraizados no próprio interior do continente negro. Tomemos um exemplo, da metade do oeste africano onde o inglês e o francês são as línguas oficiais. Se não se exprimir numa dessas línguas, não pode escrever nem enviar telegramas. Arriscamo-nos ao que aconteceu com os Índios da América Latina. Sou pela universalidade, mas quero partir do meu país para chegar ao outro, enquanto esse outro dará um passo para mim. No nosso cinema, decidimos só falar as

meio lugar ser resolvidas pelos Africanos.

P — Fala-se muitas vezes de democratização da cultura. Enquanto cineasta, como a encara?

S.O. — Sou, pessoalmente, a favor de uma cultura agressiva, que desperte as pessoas, que as faça sobressaltar. Ora, o artista vive neste momento um período difícil. Cada tema é um tabú. Devemos por vezes de tal modo alterar os nossos textos e os nossos temas que quando vemos os nossos filmes, constatamos que estamos muito aquém das realidades africanas. Realizámos mais de 150 filmes feitos por cineastas da África negra; ora, no ano, projectaremos 30 no máximo. Mesmo sem ser atingidos por interditos, o cineasta tem receio de exhibir o seu filme e cala-se. Há muitas dificuldades em dizer as realidades actuais da África. Sem mesmo falar da sua correcção. O papel do artista não é descer à arena política, mas chamar a atenção para o que se passa e não se diz. Tem o direito de falar: é a consciência dos dirigentes. Assistimos neste momento ao nascimento ou à mutação de uma burguesia semelhante a todas as burguesias do mundo; é nessa matéria que o artista vai actuar.

P — Parece que se põe em causa com cada novo filme. Porquê?

S.O. — Não detemos a verdade. E a sociedade está sempre em movimento. Cada tema deve ser reflectido e mostrar um aspecto da nossa sociedade. A criação é uma amante tão ciumenta que é preciso renová-la continuamente, senão ela é infiel e foge. Como lhe dizia, todas as sociedades têm necessidade de se ver através destes painéis e, em particular em África, devemos exigir que os artistas participem em todos os níveis da evolução da sociedade. Há séculos, quando havia uma guerra, cada tribo convidava um griot para assistir à batalha. E no regresso, não se interrogavam os combatentes, mas a testemunha. O artista deve assumir a responsabilidade de se pôr sempre em causa.

tegoria, próprios para brutalizar o público africano. Contudo, graças à sua tenacidade, pouco a pouco foram aparecendo filmes de Sembène Ousmane. Em primeiro lugar, duas curtas-metragens, Borom-Sarret (1963) e Niaye (1964), depois, a primeira longa-metragem da história do cinema negro-africano, La noire de... (1966), que recebeu o Prémio Jean Vigo, em França, e o Tanit de Ouro no Festival de Cartago, na Tunísia. Seguiram-se-lhe longas-metragens a cores: Le Mandat, que recebeu o Prémio Especial do Júri no Festival de Veneza de 1968, Emitai (1971) e Xala (1974). Por último, uma curta-metragem a cores, Taw. Estes filmes tornaram-se conhecidos nos meios cinematográficos internacionais como uma das grandes promessas do nascente cinema africano.

nossas línguas maternas e mostrar personagens que veiculam a sua própria cultura. Quando pomos em cena homens e mulheres de um meio rural, porquê fazê-los falar em francês ou em inglês? Penso que as contradições que pesam sobre o futuro cultural da África devem em pri-

A população da África é a que aumenta mais depressa

Desde 1940, a população mundial aumentou em mais de 50 por cento, atingindo 4,6 bilhões de seres humanos e será de cerca de 10 bilhões em meados do próximo século. Estes dados foram fornecidos num estudo publicado, recentemente, pela organização privada americana «Population Reference Bureau».

Colaborando assim, as mais recentes estatísticas das Nações Unidas, do Banco Mundial e da Administração norte-americana para o Desenvolvimento Internacional, espera-se que a África no fim do próximo século seja a região mais densamente povoada do mundo. Nos

países industrializados, e especialmente na Europa, o crescimento da população estagna. De 1982 a 2020, a República Federal da Alemanha deverá mesmo perder um terço da sua população.

Com uma média de 2,9 por cento é a África quem detém a mais alta taxa de crescimento, contra mais de 1,4 por cento na China, 2 por cento na Índia, 2,3 por cento na América Latina, 0,7 por cento na América do Norte e 1,9 por cento na Ásia. Só na Nigéria, a população triplicará até ao ano 2020 e atingirá os 258,1 milhões de habitantes. O número 1 entre os países africanos é o Quê-

nia com uma taxa de aumento de população de 3,9 por cento, seguido da Líbia com 3,5 por cento.

A explosão demográfica no Terceiro Mundo passa por ser uma das mais graves ameaças que pesam sobre o sucesso do desenvolvimento. Na maior parte dos Estados, o aumento da taxa da produção de géneros alimentícios, do produto nacional bruto ou da produtividade, ficam muito aquém das taxas de aumento da população, ao mesmo tempo que o aprovisionamento em géneros alimentícios, se torna cada vez mais problemático.

Português: Língua de trabalho na UNESCO

Os países de expressão oficial portuguesa propuseram ao Director Geral da UNESCO «que promova os estudos que considere convenientes sobre a possibilidade de introdução do Português como língua de trabalho da UNESCO».

A proposta foi feita na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais (Mundiacult), realizada em Julho e Agosto no México.

Num considerando de seis pontos, estes países salientam que a língua portuguesa é actualmente a língua oficial de um país europeu — Portugal, de um país americano — Brasil, e de cinco países africanos — Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique, para

além da sua utilização sob a forma vernacular ou de variantes regionais em países da Ásia e da Oceania, e que nesta língua se exprimem, há vários séculos, literaturas de projecção internacional.

Recorde-se que o português já é língua oficial da Organização dos Estados Americanos e vem sendo crescentemente utilizado como língua de trabalho noutras organizações internacionais e em diversas reuniões regionais.

«Por estas razões — diz a recomendação — a língua portuguesa e as literaturas que nela se exprimem constituem um património cultural cujo conhecimento e estudo interessa considerar e difundir, como parte

significativa que é o património cultural da humanidade».

Os países propuseram que a UNESCO incrementasse a publicação em língua portuguesa dos principais documentos e estudos realizados no quadro das suas actividades bem como de co-edições e traduções dos textos mais significativos das literaturas em língua portuguesa. A UNESCO, segundo ele, deve também apoiar as acções a levar a cabo nos diversos países que utilizam a língua portuguesa como língua oficial, com vista a promover o estudo, a informação e a divulgação dos métodos de ensino desta língua e da documentação sobre todas as suas variantes faladas.

Teste simples para detectar o cancro

Um teste simples e barato desenvolvido em Montreal (Canadá) permitirá aos médicos determinarem com a maior rapidez e precisão se um tumor aparentemente benigno, de natureza pré-cancerosa, informa o jornal «Le Devoir» daquela cidade.

A notícia foi divulgada pelo Dr. Gilles Lamoureux, do Instituto Armand-Frappier, durante o Congresso da Associação Canadense-

-Francesa de Promoção das Ciências.

No caso do tumor ser maligno mas não apresentar outros sintomas, o mesmo teste permitirá determinar rapidamente a gravidade da doença e decidir o tratamento adequado.

O procedimento já está sendo usado em Montreal, na clínica oncológica do Hospital Saint-Luc, instituição que contribuiu nas pesquisas.

Segundo o Dr. Lamoureux, os resultados

do teste são obtidos em menos de uma hora, por menos de vinte dólares.

A descoberta ocorreu acidentalmente, durante umas pesquisas sobre a saúde imunológica das vítimas de cancro. Por simples rotina, submeteram-se amostras de soro a análise de proteínas. Verificou-se, então, que certas proteínas variam sensivelmente no sangue, dependendo da gravidade do cancro.

ane?

se exprime em olof, em diola, em malinké e noutras línguas. Por isso recorreu ao cinema. «De todas as artes o cinema é a mais importante» — disse Lénine. Posto isso não esqueçamos que 90% da nossa população é analfabeta. Por outro lado, o cinema permite ver e pensar. Uma cultura verdadeiramente revolucionária, isto é, popular, pode e deve ser transmitida pelo cinema...» — acrescentava ele na sua entrevista. Com uma bolsa dada pela URSS, estudou cinema em Moscovo sob a direcção de Marc Donskoi e Serguei Guerassimov. De regresso ao seu país encontrou muitas dificuldades para fundar uma cinematografia nacional numa república, onde as companhias francesas possuíam as salas de cinema e controlavam os circuitos de distribuição de filmes, todos eles de ínfima ca-

maneira dramática esta ocidentalização forçada. Perdemos os nossos valores. Vejamos um exemplo muito simples, desta vez na diáspora africana: o dos Negros americanos e da sua música. O jazz, o blues eram a expressão de indivíduos que não queriam morrer. Mas hoje,

Domingas Sami a poetisa que veio de longe

Dizer que conheci a Mingas por mero acaso, não seria bem a verdade. Entre a correspondência que quotidianamente recebemos aqui no Jornal estava uma revista «Vida Soviética» em que, num artigo, o poeta soviético James Patterson, apresentava aos leitores daquela revista uma poetisa da Guiné-Bissau.

Dei um pulo! Uma poetisa da Guiné-Bissau na União Soviética? Era algo para também contar aos leitores do «bambaram». Disse isso aos camaradas da Redacção e qual não foi o meu espanto ao ouvir um deles dizer-me: «Mas ela já está cá! Dá aulas no Liceu!»

Já viram, ter uma mulher de letras pertinho dos olhos e não saber que ali estava? Não devia ser usual, mas é! Muitas mulheres deste país dedicam-se a actividades literárias mas poucas, ou nenhuma, é revelada ao grande público.

Foi preciso uma semana para encontrar a Mingas. Pedi a colegas que lhe dissessem para vir ao Jornal; quando ouvia uma jovem declarar — «chamo-me Domingas» — perguntava logo o apelido.

O encontro desta vez, sim, foi casual. Uma noite, a caminho do Jornal, um colega parou a falar com uma moça. Continuando a caminhada, disse tratar-se de uma prima chamada Domingas. E eu logo: Domingas quê? E ele: Domingas Sami!

Foi o meu segundo pulo. De insultos (amenos) a desculpas, foi o meia-valta — voltar e correr a apanhar a prima.

Assim entrei em contacto com Domingas Barbosa Mendes Sami. No dia seguinte, marcado para a entrevista, Mingas recebeu-me um pouco inibida, talvez pelo receio que as pessoas têm nas entrevistas.

A melhor solução foi começar por perguntar da sua ocupação actual. Domingas Sami é professora de Francês no Liceu Nacional Kwame N'Krumah, actividade aliás, que vem desempenhando desde que voltou, há pouco mais de um ano da União Soviética, depois de se licenciar em Filologia Germânica pela Universidade de Voróneje.

Domingas Sami nasceu em Bula em 1955. Em 1975 seguiu para a URSS para o curso superior. Foi ali que sentiu a pujança da veia poética por isso é que a maior parte dos seus poemas é escrita em russo, alguns deles publicados no jornal «Molodói Kommunar» (O jovem comunicado), editado na cidade onde

estudava. Também tem poemas em português, em francês e em crioulo.

Onde foi buscar esse talento para a poesia? Mingas que sempre se sentiu atraída pela contemplação, gostava de ler — o que lhe era quase impossível em casa, sempre ocupada nas lides domésticas e porque a vida literária era quase nula na altura. Mas está plenamente convencida de que herdou esse talento do pai António Barbosa, que entretanto, falecera pouco antes dela regressar da União Soviética.

Ela própria escrevia em Março passado: «A principal arma da minha luta é a caneta

Por isso devo fazer com que a Guiné

oça o meu grito

com que os meus versos não morram

comigo

como aconteceu com o meu pai».

Esta esperança de Mingas não deve morrer de certeza, para quem tem tanta confiança na Guiné e na África em geral, como ela.

Os desaires têm-na acompanhado até a levar a deixar de escrever. Regressada, foram as dificuldades em arranjar colocação (aliás como muitos recém formados). Ofereceu a sua contribuição à Organização feminina, mas sem resultados práticos. «Não quer isto dizer que esteja desanimada!» — declarou solenemente.

Actualmente tem muito tempo livre e, enquanto espera e procura o remexer da vida literária nacional «uma associação de poetas e escritores ou algo semelhante, em que eu possa dar a minha contribuição» —, Mingas voltou a escrever, pela necessidade de expressar as emoções vividas quotidianamente. O cismar em qualquer assunto é traduzido em letras, porque senão, passa e vem o esquecimento. Esse cismar traçou imagens de dor, de frustração, de esperança. Sem esquecer a paixão amorosa por exemplo, «um príncipe imaginado:

forte,

bom,

e quente como o café»

ou pela Guiné cujo «gemido surdo» ouve «quando a noite adormece».

Parafraseando James Patterson, poeta soviético: «Todos nós sabemos que a verdadeira poesia exige do autor talento e individualidade bem definidas, e Mingas Sami é um desses autores. Gostaria de lhe desejar grandes êxitos na poesia».

João Fernandes



NUNCA!

Seremos as flores mortas,
caídas nas ruas,
mas nunca deixaremos plantar
o capitalismo na nossa terra.

Seremos
Seremos enforcados,
mas nunca deixaremos plantar
a burguesia no nosso país.

Seremos jovens esfomeados e meios nus
trotar nas ruas, tentaremos medir as nossas
forças com a escuridão
mas nunca deixaremos plantar
a árvore espinhosa nos corações dos nossos
irmãos.

Seremos
Seremos fuzilados,
e o nosso sangue lavará
a miséria, desigualdade e a
dor na alma do nosso povo.

Seremos crucificados
nas árvores como Jesus,

Mas nunca deixaremos enterrar
as tuas ideias, Cabral.

Um fruto de 8 a 10 anos

Uma das mais importantes culturas na zona de Cassacá é a produção da noz de kola.

A kola é um fruto que tem muito pouco líquido, por isso é preciso semeá-la num lugar bastante húmido para que possa germinar. Geralmente, quando fazem o viveiro, fazem-no junto das bananeiras.

A plantação ou se faz directamente onde é enterrada a semente, ou se faz em viveiros. No último caso, é transplantada quando atinge um metro de altura, deixando seis metros de espaço entre elas. Depois da transplantação, a kola é regada durante dois anos.

Há dois tipos de árvores de kola: os tipos rápidos, que dão fruto depois de oito anos; e os tipos tardios, que dão fruto com 10 anos. Os frutos são colhidos do mês de Outubro a Dezembro, e são guardados para depois serem vendidos.

Não é possível cultivar outra coisa de baixo da koleira porque tudo morre.

A kola apanha uma doença (Councara) que dá manchas ao fruto. Tratam essa doença deitando, durante dois anos, tripas de peixe no pé da kola.

A limpeza da árvore é feita antes do mês de Outubro, isto é, antes da floração.

Polón di Kampu

Um dia, n'sai iandá n'ialça kabeça, n'djubi santádu... tók n'entra na Lino Koreia. Sintido dam!... M'parantá pé m'bokadu, n'djubi riba, pá tudu ládu, n'rab'da kurpu... n'tchora pena!

M'pensa na tempo ke passa. Má, suma passáda ku lembrança e suma úru, é ka-ta bédju nim é ka-ta feruça, n'lembrã lógú di manga di kussas. M'papiã báss, na sintidu, falacinhu kaplim i kombersa kumsa... pá Polón di Kampu-!!

N'djubi, n'ódjá pó di kurpu di Polón brankacenti pabia di fóra di pilkanu, pupu di gárça ku kókó di djugudés.

N'lembra di kantu «findi kad...» — bó diskulpam dé; di kantu «pati-suku» ó «môn-lébi» ke facido bu diante, Polón!!!

Má ninguim ka-ta ligau-ba.

kantu tchora-tchora,

abúsu, ku tórça ke bu mati; kantu biáss ké roba um-utru bilas, bola, ó tchur di pirdi djugu, ó taça, kudi bu diante? Kantu kláki ku klakéru ke bu kwansi i ke nim dutur ka pudi arémediã... duentis!!! Kantu speranza di klubus ke ta mati na kada Kumsada di kampionátu?

Polón abó i di nós! Manga di riçu-kabeças ke góssi é garandi, kunsí'u. Bu passá-djá também manga di kussa na bu bida... I ka ku bran-ku. i ka ku pretu...

Na antigamenti, bu panhá sèku-ku-modjádu, sol, sukuru, kabalindadi di ménoti.

Na Rikonstruçon Nacional bu falá sintá'u perá! Antá-dé! I tem-ba djintis ke tá missá-lá, i té góci inda é na faci kil porkadia son, té na dia ké tá panhadu é tá multadu... má n'falau, fórti kussa!!!

Má koitadi, bu ka-tá

falá-nu nada, bu tá dâ-te'upantá-nu son, ku'u rámu sèku kebrádu. Hhhhuuummm!... Si koitadi tem-ba boka!!!

Na ki kudá, sintidu dan más na stória di nó tchom. Antam, kombersa kontinúa na garbatá nó kussas, kussas antigu nan-propi, suma nomis di djugaduris, trenaduris, massagistas, kudjiduris di bola, serbentis, kontrol di entradas, manera di ientrandá mininus, ó kompletá-kompletá, túdu!...

Ba nhu Nhartanga, Tótala, Djinha, Koró,

Korka, Garrincha, Per-richom, Ápio... Sintidu, dan más na um kussa, m'puntá:

— Mã, bongavi di ki tempu, nundél?

Fâla di mudança rus-pundi:

— Mátchu, i muru ke lantandadu-la góci. Mininus buliduris ka pudi furá la más, i só pá é kamba, é sibi pó, ó é firmá na baranda di «solteru». Kamba góci na utru ladu ó na Tapadinha i kansadu dimás, nha fidju!!!

Anton, bom sintidu entra i falá sim:

— Polón di kampu, si bu bim diçanu, nó na sumia manga di pós pa lembrau... pá kontinua dânu bu sombra. Nó na skirbi bu nomi na um praçacinhu ó na kalker «klandô», às klaras di kampu. Fiança, Polón di kampu!!!

No Kussas

fracassar

Nino Vieira, além de ter participado na reunião de solução de compromisso quanto à representatividade do Tchad, teve um encontro com o Chefe de Estado argelino, Chadlid Bendjedid.

O Secretário-Geral do PAIGC foi recebido à sua chegada a Trípoli na terça-feira à noite pelo comandante Abdes-

salam Jalloud, segunda personalidade da Líbia que se fazia acompanhar do ministro líbio da Educação, Abdulhafid Zlitni e pelo nosso Ministro dos Negócios Estrangeiros, Samba Lamine Mané. Seguidamente Nino Vieira dirigiu-se ao Cemitério dos Mártires da Revolução líbia, onde colocou uma coroa de flores.

A Z

toda a parte norte da Líbia.

N: Nasser. É o pai espiritual de Kaddafi, de quem o jovem líder líbio adoptou as ideias do pan-arabismo, pan-islamismo e do africanismo.

O: Omar Moktar. Herói Nacional que conduziu a resistência contra os fascistas italianos nos anos 20. Foi capturado e assassinado em 16 de Setembro de 1932.

P: População. A Líbia é um país pouco povoado. Para uma superfície de 1 775 500 quilómetros quadrados, só tem 2 939 200 habitantes. 57 por cento dos quais se encontram nas regiões de Trípoli.

Q: Qars Ahmed. Um dos seis principais portos da Líbia.

R: Refinaria. O sector de petróleo bruto e do gás natural é a espinha dorsal da economia nacional. Em Ras Lanouf está em vias de conclusão uma usina para o fabrico de vários derivados do petróleo.

S: Setembro. Mês em que se comemora o aniversário da Revolução (o Fatteh). No dia 1 de Setembro de 1969, jovens militares liderados

por Muamar Kaddafi derrubaram a monarquia.

T: Tobruk. Localidade situada no leste do país, onde durante a segunda Guerra Mundial se encontrava instalada uma base militar alvo da disputa entre alemães e aliados.

U: Universidade. Há três na Líbia: o El-Fatih em Trípoli, o de Gar-Younis em Bengazi e o de Sebha. Até 1981 a população estudantil era cerca de 26 mil.

V: Vitória sobre o deserto que desapareceu 20 por cento graças a grandes investimentos na Agricultura, com a irrigação e distribuição de herdades equipas aos camponeses.

W: Weelus. Nome da base aérea norte-americana no centro da Líbia, encerrada depois da Revolução.

Y: Younis. Jaber Younis Abu Bakr, tenente coronel e Chefe do Estado Maior das Forças Armadas líbias. É de raça negra.

Z: Zwara. Cidade onde Kaddafi proclamou em 1973 a instituição da democracia de base, os comités populares.

ante — Por Dr.ª Clotilde Silva

nas adolescentes põem problemas de saúde pública, proporcionais aos hábitos sociais e comportamentos sexuais. A procriação na adolescência pode comprometer gravemente o seu futuro e limitar as possibilidades de educação, emprego e ascensão social. Por outro lado, em consequência disso, a jovem mãe e o filho podem expor-se a consequências nefastas entre as quais o ostracismo (abandono) e a adolescência lançam-se na prostituição.

Com a migração, das regiões rurais para as cidades as jovens estão

particularmente vulneráveis ao problema de alojamento, desemprego, ao vício do tabaco e o número de jovens expostas, a exploração sexual pela prostituição parece aumentar. A adolescência é igualmente um período crucial quanto ao papel e condição da mulher na sociedade. Por possuírem enormes facultades de adaptação para adoptarem atitudes novas a respeito do papel social e individual da mulher, a mulher deveria nesta fase de sua vida beneficiar de uma protecção especial por parte das autoridades.

O problema das jangadas A falta de divisas sim mas também da manutenção

Desde Maio passado que as entidades competentes deram o alerta para a situação degradante das jangadas, para cuja a solução era necessário pararem por algum tempo a fim de serem submetidas a uma revisão geral, conforme mandam as normas. A Administração Interna tomou à testa as diligências para resolver o problema de falta de peças e do material sobressalente, mas, as dificuldades na obtenção de divisas não permitiu a sua compra de forma desejável. Entretanto, de acordo com o Secretário-Geral da Administração Interna, camarada Jorge Miranda Lima, a C.E.E. já deu seu acordo para financiar a aquisição de material para reparação geral dessas embarcações.

A gravidade do problema foi motivo da elaboração, por uma comissão técnica, de um relatório de estudo sobre as jangadas, que viria a ser entregue, em Abril passado, ao Conselho da Revolução e a outros departamentos afins.

O alerta já tinha sido lançado em Maio passado, pelo Secretário-Geral da Administração Interna, Função Pública e Trabalho, camarada Jorge Miranda Lima, durante o terceiro encontro de técnicos ligados ao seu departamento. Ele próprio subscreveu aquele documento de levantamento, seguido do director-geral da Guiné-Mar, Marcos Tomaz Lopes, e do então chefe do Gabinete Técnico dos Estaleiros Navais, Carlos Vitorino de Almeida (Carlitos), actualmente em prestação de serviço na Estrela-do-Mar.

Entretanto, a jangada «Lomé», de Farim, está submetida finalmente a uma reparação geral que o salvou assim de um rebentamento total, (podia-se partir ao meio), devido ao estado de graves ferrugens no casco e maquinaria. Deverá reiniciar as suas actividades brevemente em João Landim, substituindo então a embarcação local que subirá a doca dos Estaleiros Navais. Posteriormente, irá render a de S. Vicente, o que indica que a via de Farim continuará privada da embarcação por um período aproximadamente de seis meses.

✕✕A solicitação a paragem urgente daquelas máquinas para reparações, a fim de evitar que se estoirem por incúria, reside nas condições características que exigem, como norma, do seu fabrico, a subida regular das jangadas às rampas de seis em seis meses. Porém, pelo que se sabe, já lá passam três anos consecutivos sem que tal se verifique a não ser neste momento em que a «Lomé» está a ser reparada. Conveniente-

mente cumpridas essas normas, diz o camarada Carlos Vitorino de Almeida, estará garantido o tempo de sua duração

recomendações contidas no relatório técnico ao CR, a aquisição de material, a alagem das jangadas às rampas, de preferência nas mesmas localidades, a fim de evitar enormes encargos que provocaria o seu envio às docas dos Estaleiros Navais. Entretanto, abordado sobre este reparo, o chefe da Produção dos Estaleiros Navais, João José Moreno, mostra-se desfavorável a esta opinião por considerar indispensável a subida às docas (que só existem em condições, nos Estaleiros) quando se tratarem de reparações gerais que incluem a ras-

constitua uma unidade de reserva, pronta a intervir nos momentos de reparações de rotina ou de avarias que surjam.

A MANUTENÇÃO ESTÁ LIGADA A CONSCIÊNCIA PROFISSIONAL

Para os técnicos João Moreno e Carlos Vitorino de Almeida, se pusermos de parte a falta de peças todo o assunto se resumiria numa só palavra: manutenção. «E quem fala da manutenção, fala de tudo — sublinha Carlos Almeida — pois isso exige também a consciencialização dos trabalhadores. Ter a consciência do que é meu, numa sociedade, implica o nosso, dado que o meu personifica aquilo que também é da comunidade».

Ele explica essa exigência dando exemplos, num sentido mais lato, da necessidade de conservação de meios de comunicação, sejam marítimos, terrestres ou aéreos, que está de certa forma, «condicionada ao conceito de responsabilidade de um indivíduo destruído a determinado serviço, como parte integrante de uma sociedade». Em suma, há uma falta de consciencialização do dever profissional dos trabalhadores dessas jangadas, acrescidas à aquilo que ele considera de falta de incentivos por parte dos organismos regionais (entidades administrativas que exploram directamente as receitas fluviais dessas embarcações) e, por outro lado, as extremas carências de material de estocagem. Numa crítica à margem dessas alegações, Carlos Almeida considera incorrecta a forma como a lista do material contido numa requisição pro-forma foi conduzida em Dakar, por alguém a quem o seu conhecimento não entra na complexidade desses valores estritamente técnicos. O resultado foi: vieram peças, umas a mais, outras a menos e até mesmo as desnecessárias.

Numa outra ocasião de entrevista, João José Moreno nos viria a confirmar tal procedência. Também assinalou-nos

(Continua na página 6)

Casos e factos

A — João Moreno considerou inédito a extração de umas ostras gigantes no casco da jangada de Farim, quando veio à doca para a revisão. Essas ostras não escaparam, nesse dia, à panela fumegante dos trabalhadores porém, a ferrugem estava a tal nível que aquela embarcação poderia partir-se ao meio, caso continuasse a funcionar mais alguns mesitos. Carlos Almeida já o tinha afirmado e os técnicos João Moreno e Edna Coelho confirmaram-no.

B — Já sabia disso? Só não acredita quem não conhece o talento dos operários dos Estaleiros Navais. «Que nos arranjem os motores e vão ver que somos capazes de construir jangadas como estas que estamos a reparar» — assegura o chefe da Produção. Na verdade, aquela empresa já demonstrou, por A e mais B que os seus operários estão a altura de fabricar embarcações ligeiras, pois são eles que fabricam peças e demais ferraduras, graças as quais muitas embarcações fluviais e terrestres (sim, carros também) não foram parar ao cemitério das Sucatas. E até as máquinas da Tipografia da Imprensa Nacional não se privam desse tratamento.

C — A visita à jangada «Lomé» não é motivo para fecharmos os olhos às monstruosas figuras que descobrimos nos estaleiros. São barcos de cabotagem dos Armazéns do Povo e de outras empresas ali em raspagem. Mas um deles merece referência. É o «Gouvêa — 17». Foi lá para a reparação geral (substituição de toda a chaparia por fora e por dentro e outras adaptações, pois cheia a podre). E então? Segundo Moreno, os Armazéns do Povo estão decididos a deitá-lo fora, por alegada falta de verba para pagar seis mil contos, de reparação, cobrados pelos Estaleiros. Parece caro (e pode ser), mas estarão as empresas dispostas a gastar centenas de contos para a compra de um barco novo, o que por sinal segue disponibilidade em divisas. Há muitos barcos nesta situação, espalhados pelo país fora, e outros tantos à espera de destruição, porque, nas palavras de Moreno, as empresas não mandam os barcos para as reparações periódicas o que poderia evitar os colapsos fatais.

que vai de 15 a 20 anos de funcionamento, caso que lamentavelmente não acontecerá com as nossas embarcações, condenadas a não irem para além de dez anos. Figuravam entre ou-

pagem e pintura do casco.

Outra proposta referia-se que fosse encarada como prioritária, a nível das entidades competentes, a aquisição de mais uma jangada que

Soviéticos vencem em xadrez

As selecções masculina e feminina da U.R.S.S. venceram a Olimpíada de xadrez, em Lucerna, confirmando a superioridade soviética nesta modalidade.

Na classe masculina, ao vencerem na final os dinamarqueses, os soviéticos totalizaram 42,5 pontos, seguidos pelos checoslovacos com 36 pontos e pelos norte-americanos com 35. Enquanto na clas-

se feminina, a URSS somou 33 pontos, três a mais do que a Roménia e à distância de 7 pontos da Hungria.

A imprensa local difundiu que desta vez a Olimpíada de Xadrez reuniu um número recorde de equipas: 94 masculinas e 46 femininas dando destaque ao campeão mundial Anatoli Karpov e outros xadrezistas.

Bola na trave

Os jogos do Nacional de Futebol, disputados no Sul do País, estão condenados a não serem dirigidos por árbitros oficiais, filiados na Comissão Central de Árbitros, se a Federação Nacional de Futebol não arranjar uma vedeta, um helicóptero ou um iate, como meio exclusivo para transportar os nossos «DISTINTOS ÁRBITROS» a Quínara, Bolama, ou Tombali. Isto porque, no meio de todas as carências, vividas pelos diversos sectores da vida nacional no que toca a transportes fluviais, os Árbitros recusam-se a viajar ao Sul quando são nomeados pelo seu órgão dirigente, alegando inconveniência ou incompatibilidade que existe em deslocar-se no mesmo e único meio de transporte com as equipas que vão disputar encontros com as suas congéneres da outra banda. Senhores Árbitros, façam um exame de consciência da situação que o País atravessa e deixem de exigir o que não é possível. O Futebol Nacional precisa de vós, como peça indispensável para a realização de uma partida de futebol. Vamos lá... com um bocadinho de esforço, ultrapassaremos todos os obstáculos que se nos depararem pelo caminho, nesta fase difícil. Pode ser que o País um dia venha a ter possibilidades de vos dotar de um meio de transporte mais cómodo. Mas, agora..., nem pensar nisso!

PENALTIS?... QUE SAUDADES!

No fim de semana desportivo que passou e, em conversa amena com alguns carolas, falou-se muito e com saudades do livre directo dentro da grande área e intitulação de «PENALTI».

O penalti desapareceu do nosso futebol e quando algum homem vestido de negro resolve, por encanto, marcá-lo, o público espectador delira-se, porque se tornou coisa rara nos nossos estádios. O público delira-se porque se vive intensamente esse momento crucial, todo o mundo em suspense e na expectativa, à espera que o guarda-redes corresponda com uma grande defesa ou que o marcador iluda o homem da baliza para um lado, fazendo a bola entrar pelo outro. Situações dessas há muito deixaram de ser vividas pelo público desportista nacional porque, os nossos árbitros já não assinalam, como falta merecedora de castigo máximo, uma prisão de pernas ou pé, um derrube ou uma carga à margem das Leis, uma obstrução, etc; etc.

Mas porque é que os árbitros deixaram de assinalar penaltis? Será que têm medo dos adeptos do clube a que vão punir com o castigo máximo? Será que não se sentem seguros quando caem numa situação dessas, não sabendo distinguir quando uma falta é merecedora ou não de punição máxima ou será que, na Guiné-Bissau, os homens que alinham na defesa são tão lícitos a disputar lances na grande-área com os avançados, que não tem havido motivos para isso? Desculpem esta insinuação, Senhores do apito mas, agora, não desatem a marcar penaltis a torto e a direito sem que para isso hajam motivos.

Missões diferentes para os guias

O Sporting de Bafatá é a única equipa das que ocupam o topo da tabela classificativa a ter menos problemas na sétima jornada. Pois recebe, amanhã, a visita do Estrela de Bolama. Enquanto isso, os seus adversários têm missão espinhosa: Sporting de Bissau, guia por «goal-average», desloca-se amanhã a Canchungo para defrontar a equipa local que procurará, no seu reduto, redimir-se do último desaire, e UDIB medirá forças, amanhã à noite, com o Desportivo de Farim, cujo futebol agressivo pode ser fatal à União se aquela repetir a façanha realizada frente ao Sporting.

Também amanhã, mas no período da tarde, os campeões defrontam a formação do Gabú que, vindo do leste, pode trazer na bagagem uma surpresa.

No estádio Lino Correia, serão efectuados mais dois jogos: hoje à noite, o Ajuda faz exa-

Mansoa será marcada por um jogo em que os intervenientes não quererão perder

cudir-se mutuamente. O Ténis, à procura de estabilização, desloca-se ao sul para defrontar o F.C. de Tombali.

Tabela classificativa

	J	V	E	D	GM	GS	P
Sporting	6	6	—	—	32	5	12
Bafatá	6	6	—	—	16	2	12
UDIB	6	6	—	—	18	3	12
Benfica	5	4	1	—	17	4	9
Canchungo	6	4	1	1	10	8	9
E. Bissau	6	4	—	2	15	8	8
Ajuda	6	3	1	2	12	7	7
Gabú	6	2	1	3	7	14	5
Bula	6	2	—	4	6	8	4
Bissorã	6	2	—	4	4	26	4
Balantas	6	2	—	4	10	10	4
Farim	6	1	1	4	5	8	3
Ténis	6	1	1	4	6	10	3
Bolama	6	—	2	4	2	13	2
Tombali	5	—	—	5	2	12	0
Quínara	6	—	—	6	3	26	0

SPORTING GOLEOU BOLAMA

Num jogo em atraso, correspondente à quinta jornada, a formação do Sporting de Bissau goleou a turma de Bolama por 7-1, enquanto a UDIB derrotou a equipa de Bula por 1-0. Golo surgido na marcação de uma grande penalidade indiscutível. Mas, segundo o nosso cronómetro, faltavam alguns minutos por jogar, quando José de Pina deu por terminado o encontro. Por seu turno, a equipa do Ajuda venceu o Ténis por 3-1, em jogo a contar para a terceira jornada.

pontos: Balantas-Bula, partilhando o mesmo lugar, procurarão sa-

me ao Bissorã que quebrou o enguiço das goleadas e, esta tarde, o Estrela de Bissau disputa os dois pontos com a frágil equipa de Quínara.

Jornalistas desportivos

A Assembleia Geral da União dos Jornalistas Desportivos Africanos terá lugar de 1 a 4 de Dezembro do corrente ano, na capital da Guiné-Conakry. Esta reunião magna terá por missão refazer, essencialmente, a unidade da UJDA e favorecer a criação de um comité director representativo do conjunto dos jornalistas desportivos do continente.

Estarão presentes em Conakry os delegados designados pelas Asso-

ciações nacionais membros e que exerçam efectivamente as suas actividades. O grupo de trabalho que preparou este grande encontro é presidido pelo guineense Pathe Diallo, presidente do Bureau provisório da UJDA, e compreende Mensah Gnarmey (Togo), Secretário Geral da organização, Tshimpumpu Wa Tshimpumpu (Zaire), Presidente de honra e fundador da UJDA, criada em Fevereiro de 1970.

Marcadores

A primeira posição dos «artilheiros» do nacional continua na posse do sportinguista **Ciro**, ao marcar o seu nono golo frente à turma de Bolama. O estrela **Agostinho e Ocante** (Sporting) continuam na pegada do líder com sete golos cada um, e o «leão» de Bissau **Laye iguala Djudju** (udibista) ao marcar, no último jogo, quatro golos totalizando 6 tentos concretizados.

O udibista **Chico** e o bafatense **Gomes** têm respectivamente, 5 e 4 tentos apontados, segue uma lista de cinco jogadores com 3 tentos. São eles: **Victor** (Sporting) **Ença** (Bafatá), **Isaac** (Benfica), **Silvério** (Gabú) e **Sidico** (Balantas).

Entretanto, um grupo de jogadores com dois golos aumentou consideravelmente. São 18 ao todo: **Cadjali** (Sporting), **Lentín** (Ajuda), **N'Dute** (E. N., de Bissau), **Zacarias**, **Sana** e **Mama Saliu** (Bafatá), **Adão** (Ajuda), **Baben**, **Nando**, **Dany Marta**, **Lebre** e **Niná** (Benfica), **N'Pebé** (Ajuda), **Iano** (Ténis), **Cusafar** (Balantas), **Sada** (E. N. Bissau), **Secuna** (Gabú) e **Mariano da Costa** (Canchungo).

O problema da jangada

(continuação das centrais) um outro caso de técnicos desconhecidos terem sido solicitados a mexer nos motores das jangadas sem prévio conhecimento dos Estaleiros Navais que têm acompanhado as suas reparações. «Que não nos venham a imputar responsabilidades depois...» — advertiu.

As jangadas «BAC-50», equipadas com motores «Baudoín», foram compradas à empresa naval senegalesa «Dakar-Marine», em 1979, por financiamento da Comunidade Económica Europeia. Foram inauguradas com os nomes de **Lomé** (a de Farim), **Conakry** (João Landim) e **Dakar** (S. Vicente).

De acordo com Carlos de Almeida, sejam

quais forem os tipos de embarcações navais, todas as entidades devem respeitar as normas de segurança designadas pela «Loyd's», que recomendam reparações semestrais, trimestrais, semanais e diárias, quando se pretende manter as máquinas em bom estado. João Moreno está, com efeito, a formular normas do género com distribuição de tarefas concretas aos motoristas daquelas embarcações.

A subida semestral às docas visa submeter os navios à verificação geral do estado de segurança das chaparias do casco, limpeza do motor e pintura. Em cada três meses, as jangadas devem parar algum tempo, em cada local onde actuam, para a verificação

de toda a parte mecânica, cabendo essa função à fiscalização técnica e ao pessoal das embarcações.

Por outro lado, deve-se proceder a uma manutenção preventiva que permita a detecção das anomalias fatais ao estado futuro das mesmas. Por fim, também não é demais, após cada dia de trabalho uma verificação sumária dos dispositivos de segurança dos motores — filtros de gásoléc, de ar, de óleo e tubos flexíveis.

Aqueles técnicos, contactados separadamente pelo Jornal, alertam ainda para o aspecto da estrutura do motor em si, muitas vezes posto em perigo pelos maus tratamentos. Citaram, por exemplo, o uso incorrecto de óleo 40 e até mesmo 30, quando se devia

utilizar o óleo hidráulico apropriado para os lemes, o que pode provocar a destruição do material (alteração da constituição mecânica). Isso foi motivo, segundo Carlos Almeida, da perda, numa das vezes, de um dos lemes do motor da jangada de João Landim, originando avaria na direcção do navio. Outro exemplo, referido por João Moreno, é o de deitar baldes de água fria sobre os motores a alta temperatura, na tentativa de os arrefecer. Pelo contrário, o caso pode levar o motor a dar um estalo, e aí acaba-se.

Por outro lado, o Conselho de Ministros decidiu recentemente entreter ao Ministério das Obras Públicas a exploração das jangadas existentes no país.

Substituído Presidente da Albânia

Após 29 anos de exercício do cargo, o chefe de Estado albanês, Haxhi Lleshi, foi afastado e substituído na segunda-feira por Ramiz Alia, secretário do Comité do Partido Comunista — informou a agência austríaca.

Esta mudança no topo da hierarquia do Estado foi decidida pela reunião da nova Assembleia Popular (Parlamento) na presença do chefe do Partido Comunista Enver Hoxha.

Conforme um relatório baseado em fontes oficiais albanesas, a reunião da AP confirmou Adil Carcani como primeiro-ministro e deu-lhe instruções para formar um novo governo. Os 250 membros da Assembleia elegeram Alia, considerado muito próximo de Hoxha, como presidente da Assembleia Popular, tornando-se assim, por inerência, chefe de Estado.

Carcani, especialista em questões económicas, foi apontado em Janeiro para o cargo de primeiro-ministro, tornando-se a principal figura do Governo. Sucedeu a Mehmet Shehu que, segundo um relatório oficial (posto em causa por observadores ocidentais) se terá suicidado em Dezembro passado.

Tentativa de golpe de Estado no Ghana

As tropas leais à revolução fizeram malograr uma tentativa que visava derrubar o regime na terça-feira, conforme declarou através da Rádio de Acra, o capitão Jerry Rawlyngs, presidente do Conselho Nacional Provisório de Defesa do Ghana. Todas as unidades das Forças Armadas e os pontos estratégicos visados pelos golpistas estão sob controle das tropas leais — diria Rawlyngs logo após o malogro desta acção, ao mesmo tempo que pedia a todos os soldados que se mantivessem nos seus postos, e não acreditassem nas mentiras postas a circular.

O aeroporto internacional encerrado na consequência desta tentativa de golpe foi reaberto ao tráfego, enquanto que o recolher obrigatório continua a vigorar das 18 às 6 horas, em todo o território. As fronteiras terrestres continuam encerradas.

O chefe da revolução ghanense, Jerry Rawlyngs, ordenou, na sua intervenção radiofónica, «que todos os implicados nesta sublevação se entre-

guem na esquadra da polícia mais próxima». Embora não tenha sido divulgada a natureza nem os autores do golpe falhado, já se anunciou a detenção de numerosos militares e civis responsabilizados.

Por outro lado, o capitão Rawlyngs, que falou perante milhares de trabalhadores vindos manifestar em apoio da revolução, anunciou que, brevemente, o PNDC irá introduzir novas estruturas no país a nível político, e que um programa de «reorganização económica» será igualmente aplicado. Ele acrescentou ainda que o Governo «não permitirá que os inimigos introduzam sentimentos de discórdias tribais no seio da revolução».

A Rádio de Acra exortou a população, numa altura em que «o Ghana vive um momento delicado da sua história», a permanecer unida e a prosseguir calmamente o seu trabalho, opondo-se «aos anarquistas e aos ambiciosos». O capitão Rawlyngs voltou a reafirmar que o PNDC a que preside, trabalha a favor da justiça e da liberdade.

Eleições gerais no Brasil: Rio e São Paulo governados pela oposição

De acordo com os resultados (ainda parciais) das eleições gerais de 15 de Novembro no Brasil, o Estado do Rio de Janeiro parece inclinar-se definitivamente para o campo do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Para além do lugar de governador conquistado no Rio pelo seu dirigente, Leonel Brizo-

la, o PDT colocou 18 deputados no parlamento nacional.

O Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB-oposição) ganha por sua vez nos Estados de São Paulo (o maior centro industrial da América Latina) Minas Gerais, Goiás, Paraná e Espírito Santo, e

conquista 5 lugares de senador e 149 de deputados.

O partido governamental (PDS) assegurou pelo menos 11 dos 22 Estados do Brasil, com 15 dos 25 lugares de senador e 195 dos 479 lugares de deputado federal em jogo nestas consultas.

ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

O dirigente do principal partido da oposição (PMDB), Ulysses Guimarães, afirmou que no seu país só existirá democracia depois da eleição de uma Assembleia Constituinte «que elabore a constituição de que carecemos».

Por seu lado, o Presidente do Brasil, general João Figueiredo, assegurou que continuará com o seu plano de governo, «embora alguns Estados da Federação sejam governados por políticos da oposição».

Em declarações difundidas pela TV Globo, João Figueiredo declarou ainda não se considerar «vencedor das eleições» presidenciais, mas «intimamente vitoriosos» por ter conseguido fazer o que considerou «a redemocratização do país».

URSS e China normalizam relações

A União Soviética e a China optaram pela continuação da via do diálogo para a normalização das suas relações, nas linhas de boa vizinhança, segundo o acordo entre os ministros dos Negócios Estrangeiros dos dois países, Andrei Gromiko e Huang Hua. A agência soviética TASS adiantou que o acordo foi concretizado

no Kremlin, em que Gromiko agradeceu a «profunda homenagem» do Governo chinês à memória de Leonid Brejnev.

Huang Hua, participou, em Moscovo, no funeral do líder soviético Leonid Brejnev, a quem dedicou um importante elogio, sublinhado

pela imprensa soviética.

Este encontro de Moscovo, trata-se do primeiro de alto nível (ministerial) entre os dois países desde 1969, quando Alexei Kossyguine e Chu En Lai se avistaram em Pequim, e regista-se um mês depois do reatamento do diálogo sino-soviético na capital chinesa.

Assembleia da OEA em período de crises políticas

A 12.ª Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA) concluiu os seus trabalhos no sábado passado, sem adoptar resoluções sobre os dois problemas cruciais que estiveram no centro dos debates — os conflitos na América Central e a crise do sistema interamericano. Tal situação demonstra que esta organização atravessa um período de grandes crises políticas.

Contudo, a Assembleia adoptou no mesmo dia uma resolução sobre as ilhas Malvinas, dando o seu apoio a uma precedente resolução latino-americana adoptada pelas Nações Unidas a 5 de Novembro último. Essa resolução convida Londres e Buenos Aires a retomarem as negociações para se encontrar, num curto espaço de tempo, uma solução para o conflito so-

bre a soberania do arquipélago.

A OEA adoptou igualmente o projecto de resolução apresentado pela Comissão interamericana dos Direitos Humanos, pedindo nomeadamente que sejam esclarecidos os casos de desaparecimento de cidadãos, sem contudo mencionar qualquer país.

RECUSA DO DIÁLOGO

No que diz respeito às tensões na América Central, contrariamente ao que se previa, nem a Nicarágua nem as Honduras apresentaram qualquer projecto de resolução apoiando as suas posições respectivas.

A Nicarágua, segundo o seu vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, considera que a sua eleição para o Conselho de Segurança dá-lhe uma posição mais favorável na ONU do que

na OEA. Este país, que expressou o seu desejo de levar a bom termo as negociações bilaterais com Tegucigalpa, pronunciou-se favorável à iniciativa mexicano-venezuelana, que propõe um encontro entre os primeiros dirigentes dos dois países.

Por seu lado, o ministro dos N.E. das Honduras estimou que a visita do presidente Ronald Reagan a 4 de Dezembro próximo «reforçará a posição democrática» do seu país, e rejeitou toda a ideia de um encontro bilateral com a Nicarágua.

A mais controversa resolução adoptada pela 12.ª Assembleia da OEA foi o apelo a favor de uma solução negociada entre os governos do Chile e da Bolívia, para que este último possa beneficiar de uma saída para o mar. Este litígio opõe Santiago e La Paz há décadas.

NAÇÕES UNIDAS — Em meados do ano passado a população mundial era de 4 500 milhões de pessoas, de acordo com um relatório das Nações Unidas distribuído na semana passada. Este número representa um aumento de 76 milhões em relação a meados de 1980, quando o número total de habitantes da terra era de 4 432 milhões. A Ásia é neste momento o continente mais populoso, com 2 625 milhões de pessoas, o que representa cerca de 60 por cento da população mundial — diz o relatório da ONU. A Europa e a África aparecem a seguir, respectivamente com 485 e 484 milhões de habitantes. A América do Norte tem 376 milhões e a do Sul 246 milhões de pessoas. A Oceânia, que inclui a Austrália, Nova Zelândia e numerosas pequenas ilhas do Oceano Pacífico, têm apenas 23 milhões de habitantes.

TERRITÓRIO PARA A UNESCO

VITÓRIA — As Seychelles doaram um terço de todo o seu território à UNESCO, em nome da conservação da natureza. O atol Aldraba — a maior formação de corais em todo o mundo — será doado a toda a humanidade, ficando à guarda da UNESCO, como património mundial. Cobrindo uma área de 162 km², o atol possui a maior concentração de tartarugas terrestres e marítimas de todo o mundo. O atol Aldraba passa assim a fazer parte de um conjunto de belezas naturais famosas, como a grande barreira de recifes na Austrália, e o Parque Nacional Serengeti, na Tanzânia.

ESCOLA DE CAMPO

SÃO TOMÉ — Cento e dez raparigas, dos 12 aos 14 anos, começaram este mês a frequentar uma escola de campo criada pelo Governo de São Tomé e Príncipe — informou a agência angolana Angop. O novo estabelecimento de ensino funciona em regime de internato, na empresa agro-pecuária Diogo Vaz, e representa um passo para a maior ligação da juventude com a produção agrícola, factor essencial para a economia do país.

Armando Ramos e os seus colaboradores condenados a prisão maior

O ex-Comissário de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, Armando Ramos, foi condenado a pena de prisão de 10 anos de trabalho social produtivo, e por gozar do Estatuto de Combatente da Liberdade da Pátria, a pena foi reduzida para oito anos, no final do julgamento que vinha decorrendo no Tribunal Popular de Bissau. A sentença teve lugar na quarta-feira passada.

Francisco Coutinho, ex-director-geral dos Armazéns do Povo, foi condenado igualmente a pena de prisão maior de 8 anos, reduzido a 6, por ser um réu primário. Adelino Moreira, ex-director-geral adjunto dos Armazéns do Povo, incorreu numa pena de prisão maior de 6 anos e também por ser réu primário beneficiou de uma redução, ficando com uma pena de cinco anos. Carlos Alves (Lindolfo), encarregado ge-

ral dos armazéns daquela empresa estatal, foi sentenciado com uma pena de prisão maior de 6 anos, não tendo beneficiado de qualquer redução por ser um reincidente. O réu Anselmo Mariano, ex-conselheiro de Armando Ramos, foi absolvido das instâncias, por não ter sido provado nada contra ele.

As sentenças destes réus considerados inimigos da nossa débil economia e do nosso povo foram lidas pelo Juiz de Direito, camarada Armando Cruz. A sessão foi pública e a sala de audiência de julgamento estava cheia de assistência.

Dos factos de que os réus eram acusados ficou aprovado no julgamento o seguinte: Armando Ramos — má administração e má aplicação do Fundo de comercialização, que estava sob tutela do Comissá-

rio do Comércio, Indústria e Artesanato, que implicitamente conduziram ao desvio de bens do Estado. Má administração da cooperativa 12 de Setembro, dos antigos condutores dos Armazéns do Povo, durante a Luta Armada de Libertação Nacional, em Banjara, próximo de Bambadinca, região de Bafatá e também má administração de outras cooperativas agrícolas.

O total do montante do Fundo de comercialização indevidamente utilizado ultrapassa 100 milhões de pesos.

Armando Ramos utilizou 42 milhões 136 mil e 607 pesos, no seu interesse pessoal. Tudo isso foi feito irregularmente, em documentos não selados, outros sem documentos e levantamentos à caixa sem vistos. Sobre Francisco Coutinho ficou provado de que obrigou os Armazéns do Povo, através de uma simples carta ao BNG, a pagar duas mil

toneladas de arroz a Kamal Mcukarim, no valor correspondente a 560 mil dólares, cerca de 22 400 000 pesos, sem que esse arroz tivesse chegado ao país. Esse pagamento foi feito em divisas. Má gestão da ex-cooperativa dos funcionários públicos foi outra questão provada pelo Tribunal. Adelino Moreira, participou na questão de duas mil toneladas de arroz, em co-autoria com Francisco Coutinho e também incorreu no crime de rasuras e emendas nos livros de cálculos de mercadorias. Sobre Carlos Alves ficou provado crime de furto no valor de 667 mil pesos.

Os réus foram ainda condenados a seguintes encargos: 10 mil pesos de imposto de Justiça a cada um deles; 10 meses de multa a 50 pesos diário a favor dos cofres da Advocacia Popular e indemnização ao Estado dos valores desviados.

CNUCED ajuda a África no controle da dívida

Uma delegação da CNUCED (Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento) ligada ao Centro Africano de Estudos Monetários em Dakar, realizou nos últimos 10 dias em Bissau parte de um vasto programa de estudos sobre alguns países africanos, de forma a habilitá-los de mecanismos para melhor gerirem as suas dívidas externas. Esta missão que deixou ontem o país integra os economistas, dr. Mário Murteira, dr. Nzimba, e o senhor Adibihi.

Conforme informou Mário Murteira, este estudo, que abrange a Guiné-Bissau, Ghana, Costa do Marfim, Quênia, Madagáscar e Zimbabué, considerados cada um com problemáticas muito particulares, poderá no conjunto, traduzir as necessidades do conjunto dos países africanos.

Este programa teve início em Agosto último, e os relatórios serão apresentados até ao fim do ano, para serem discutidos em Fevereiro, em Dakar, numa reunião aberta a participação de todos os bancos africanos.

O programa fará ainda recomendações especiais, de forma aos países beneficiados poderem renegociar as suas dívidas externas, tendo em conta a realidade da crise económica internacional.

«Estes estudos poderão ser também muito úteis para o plano de estabilização económica em curso na Guiné-Bissau ao nível da dívida externa e da balança de pagamentos» — observou Mário Murteira.

Portugal: Aborto — o crime ficou na lei

Exclusivo Ponto/Nô Pintcha

São cerca das 4 horas da madrugada. As galerias da Assembleia da República encontram-se cheias, como nunca se verificara a tão adiantada hora. São mulheres, essencialmente, quem ocupam os lugares, contrastando tristemente com um Parlamento marcadamente masculino. São cerca das 4 horas da madrugada quando, de acordo com o requerimento feito pelo PCP, para que a votação seja nominal (atendendo às características da matéria em votação), um a um, os deputados declaram o seu voto.

Fora-lhes dito, pedido, exigido, que votassem de acordo com a sua consciência. Fora-lhes lembrado que este não era um problema político mas, fundamental-

mente, ético. Fora-lhes provada, com toda a evidência, que só a realidade tem, que votar contra seria pactuar com a hipocrisia, a mentira, a imoralidade.

Eles sabiam, mesmo quando o tentaram disfarçar, a vergonha de um voto pactuante. Em nome de quê? Em nome de que valores se aprova a hipocrisia, de uma situação mentirosa e de aparência?

«Contra», exclamaram entredentes 121 homens. «Contra», lamentaram torcidas, com as vísceras a doer, seis mulheres.

«Assassino», gritou um coro feminino cheio de raiya incontida. «Assassinos», gritaram-lhes nos olhos galerias cheias de mulheres, que ali aguentaram firmes à espera de rebates de consciência que não aconteceram. «Assassinos», foi o veredicto popular das mulheres que quiseram ver hipocrisia assumida, de alguns deputados.

Cá em baixo, protegido pelo estatuto de de-

putados, um punhado de hipócritas foi capaz de sorrir com desprezo. Tinham falado em defesa da vida, em salvaguarda de valores morais da sociedade. Tinham-se coberto de frases humanistas para, depois, agirem, de facto, no sentido directamente inverso das palavras.

Ao longo dos três dias de debate, papel de destaque coube às deputadas, particularmente a Zita Seabra, Teresa Ambrósio e Natália Correia, que, enfrentando a sua bancada, agiu, ela sim, de acordo com a sua consciência. Mas seria uma injustiça não referir o magnífico contributo prestado pelos deputados médicos, das diferentes bancadas da oposição, e, muito particularmente, pelo socialista Almeida Santos, que, dando uma lição de dignidade, soube colocar as questões, as dúvidas e disse, por exemplo, que «sabemos que o aborto é hipocriticamente «condenado» por mulheres que já não contam pelos dedos os abortos

que fizeram. Sabemos — hipocriticamente sabemos — que aborta a mulher do rico e a mulher do pobre, a casada e a solteira, a mulher do moralista e a «afilhada» do frade, a agnóstica e a crente».

E Almeida Santos pôs o dedo na ferida, já muitas vezes referida por aqueles que mais se têm batido pela legalização do aborto. É que, de facto, a questão não se coloca em termos de sermos ou não a favor do aborto, mas sim de continuarmos a escamotear pela hipocrisia uma situação que é real, que leva entre 100 a 200 mil mulheres a abortarem clandestinamente, morrendo em número de aproximadamente 2 mil por ano.

Seria igualmente Almeida Santos quem perguntaria quantas prisões serão necessárias construir, para prender todas aquelas mulheres que recorrem ao aborto. A resposta a esta pertinente questão havia-o-

dado um social-democrata, cheio de «boas intenções», como se poderá constatar: «O PSD não aceita a despenalização do aborto, mas também não está interessado em penalizar as mulheres que o praticam».

A um debate cheio de seriedade, lucidez e verdade, desenvolvido através de exemplos concretos e de dados científicos, por parte da esquerda, a direita respondeu com a metafísica, com razões que não são, com a malandrice política. A uma posição eticamente frontal, a resposta foi o cinismo.

As mulheres portuguesas, os muitos milhares daquelas que se encontram na dramática situação de um aborto inevitável, julgarão por si este Parlamento eminentemente masculino, que não soube, na sua maioria, adoptar para si a dignidade ética que Almeida Santos enquantou ao homem soubesse assumir:

«Entre o homem e a mulher a dor foi injustamente repartida. Couberam à mulher os incómodos da gravidez, as dores lacrimantes do parto, o desgaste da aleitação, a solicitude de uma prolongada criação. Em caso de interrupção da gravidez é ela que aborta, que se envergonha, que sofre, que se arrisca, que morre. À parte isso, a história, como se não bastasse a natureza, atribuiu à mulher as tarefas menos gloriosas e mais degradantes. Estará o sexo masculino tão à vontade quanto aparenta, para invocar zelos de consciência, discretar «sub specie aeternitatis», e decidir de cátedra sobre o quotidiano de um drama em que episodicamente intervém para fruir momentos de prazer? Estamos, até por isso, inteiramente responsáveis e sós em face da nossa própria consciência. Temos, entre mãos, à espera de que o moldemos, um barro de uma esperança. Não deixemos que essa esperança aborte».

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NO PINTCHA»: AV. DO BRASIL, C. P. 134 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDAÇÃO: António Soares, António Quintino, Gertrudes Soares, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Guadé, Euláudio Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Assisbina Sá, António Sá, José Teófilo, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Estêvão Gilão, Ivel Miranda, Ivel Miranda.